

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Daiane de Araújo Gonçalves – RA00194037

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ECLESIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

SÃO PAULO

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Daiane de Araújo Gonçalves – RA00194037

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ECLESIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC-Santana, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Me. Pe. Dayvid da Silva.

SÃO PAULO

2023

Daiane de Araújo Gonçalves – RA00194037

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA ECLESIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC-Santana, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Me. Pe. Dayvid da Silva.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a)

Orientador(a)

Orientador(a)

DEDICATÓRIA

Ao Bondoso Deus, por todos os motivos que me concedeu para firmar meus passos.

Aos meus pais, Orlando e Ana Lúcia, e a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, que me ajudaram a ser melhor, para melhor servir e amar.

Aos inúmeros amigos e amigas que, ao longo deste processo, deram-me as mãos para chegar ao fim desta missão. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

“Nunca, jamais desamineis, embora venham ventos contrários.” Sta. Paulina

Desejo iniciar agradecendo a Deus pela vida, que me concedeu viver no seio de minha família e com os diversos leigos e leigas da Paróquia São Francisco de Assis, que me iniciaram na caminhada de fé.

Gratidão aos meus professores e professoras, que desde meus primeiros traços me ensinaram o amor pelas histórias e ensinamentos e aos do Curso de Teologia que me ajudaram a compreender a vida da Igreja, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja.

Gratidão a todos e todas que me ajudaram nessa trajetória, mais de forma especial querem destacar a presença destes meus amigos que são presentes de Deus, que o Curso de Teologia, me concedeu ter, que são: Ângela Vides, Ana Nery, Charles, Odilon, Nelson, Décio, Clebeton Luiz Prates, Claudinei Dias e tantos outros colegas de Turma que compartilharam choros, alegrias e histórias. Gratidão pelo apoio e carinho que recebi nesta etapa da minha história.

Gratidão aos meus amigos que o Curso de Teologia, concedeu-me ter como irmãos e irmã na vida que são: Luciana Conceição dos Santos, Everton Francisco Serqueira e Pe. José Antonio Boareto, gratidão por terem me ajudado a nunca desistir ou desacreditar que o sonho poderia se tornar realidade.

Gratidão a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, por todo o apoio e expectativas que depositaram em mim nestes últimos tempos, sou e serei eternamente grata a Deus por tudo que recebi de inúmeras Irmãzinhas, que partilharam dos seus dons e carinhos para que eu pudesse estudar.

Gratidão aos Professores: Pe. Rodrigo Vilela que me ajudou nos primeiros rabiscos deste trabalho e ao Pe. Dayvid da Silva, que me acompanhou e orientou nesses últimos passos com paciência, disponibilidade e correções.

Gratidão aos meus amigos leitores e corretores de português e regras: Ivone Marques Dias Bastos, Claudinei Dias, Irmã Trude, Ir. Maria Lúcia da Silva e tantos outros que se dedicaram comigo nessa missão.

“Em tudo amar e servir” Santo Inácio de Loyola.

“A Igreja é feminina”

Papa Francisco

RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade oferecer um aprofundamento na eclesiologia do Papa Francisco, como ele reconhece o protagonismo das mulheres e a participação delas na vida eclesial. Um dos objetivos desta pesquisa é oferecer uma análise sistemática de como se efetivou a concepção de Igreja, quais foram os desafios e as transformações que ocorreram na caminhada eclesial, a fim de favorecer o envolvimento dos leigos e leigas nas pastorais, movimentos, congressos, assembleias, dentre outros eventos. Outro objetivo é visualizar, em todos os documentos deste Pontificado, como o Pontífice reconhece e contempla a presença das mulheres, quais foram as nomeações que possibilitaram às mulheres assumirem os cargos nos ambientes das Instituições do Vaticano, nos Dicastérios e na vida pastoral da Igreja. Ao ter uma visão geral sobre essas novidades, o Papa Francisco apresenta aos cristãos, com notoriedade, que o seu grande desejo é efetivar uma renovação eclesial, uma Igreja em estado permanente de missão e uma Igreja Sinodal, em todos e todas assumam sua vocação batismal para que sejam verdadeiras testemunhas da alegria do Evangelho.

Palavras-chave: Eclesiologia; Mulheres; Transformações; Sinodalidade.

ABSTRACT

This research aims to provide a deepening in Pope Francisco ecclesiology and how he recognizes the role of women in their participation in ecclesial life. One of the objectives of this research is to offer a systematic analysis of how the conception of the Church was carried out, what challenges and transformations occurred in the ecclesial journey to favor the involvement of laymen and laywomen in pastoral work, movements, congresses, assemblies, and other ecclesial events. Another objective is to examine all the documents of this Pontificate to understand how the Pontiff acknowledges and contemplates the presence of women and which appointments have enabled women to assume positions in the Vatican Institutions, Dicasteries, and in the pastoral life of the Church. By having this overall perspective on the novelties that Pope Francisco presents to the Christians, they noticed that his great desire is to effect an ecclesial renewal, a Church in a permanent state of mission, and a Synodal Church, where everyone assumes their baptismal vocation to be true witnesses of the joy of the Gospel.

Keywords: Ecclesiology; Women; Transformations; Synodality.

LISTA DE SIGLAS

AA	<i>Apostolicam actuositatem</i> . Decreto <i>Apostolicam actuositatem</i> , do Concílio Vaticano II.
AL	<i>Amoris laetitia</i> . Exortação apostólica pós-sinodal <i>Amoris laetitia</i> , do Santo Padre Francisco, sobre o amor na família.
ChV	<i>Christus vivit</i> . Exortação apostólica pós-sinodal <i>Christus vivit</i> , do Santo Padre Francisco, aos jovens e a todo o povo de Deus.
DAP	Documento de Aparecida. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: Aparecida (2007).
DM	Documento de <i>Medellín</i> . II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Medellín (1968).
DP	Documento de Puebla. III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Puebla (1979).
EG	<i>Evangelii gaudium</i> . Exortação apostólica pós-sinodal <i>Evangelii gaudium</i> , do Santo Padre Francisco, sobre a evangelização no mundo atual.
EN	<i>Evangelii nuntiandi</i> . Exortação apostólica <i>Evangelii nuntiandi</i> , do Papa Paulo VI, sobre a evangelização no mundo contemporâneo.
GeE	<i>Gaudete et exsultate</i> . Exortação apostólica <i>Gaudete et exsultate</i> , do Santo Padre Francisco, sobre a chamada à santidade no mundo atual.
GS	<i>Gaudium et spes</i> . Constituição pastoral <i>Gaudium et spes</i> sobre a Igreja no mundo atual.
LG	<i>Lumen gentium</i> . Constituição dogmática <i>Lumen gentium</i> sobre a Igreja.
LS	<i>Laudato si'</i> . Carta encíclica <i>Laudato si'</i> , do Santo Padre Francisco, sobre o cuidado com a Casa Comum.
QA	Querida Amazônia. Exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazônia.
RJ	Documento do Rio de Janeiro. I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Rio de Janeiro (1955).
SD	Documento de Santo Domingo. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Santo Domingo (1992).

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
A ECLESIOLOGIA E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES	13
1.1 A fundamentação do termo “ <i>Ekklesia</i> ”	13
1.1.2 Sagrada Escritura	13
1.1.3 No período da Patrística	15
1.1.4 Nos Concílios Vaticano I e II.....	17
1.2 O caminho de abertura da Igreja para a participação das mulheres na vida eclesial a partir do Concílio Vaticano II	19
1.3 A percepção das Conferências Latino-americanas sobre a atuação das mulheres na Igreja. .22	
1.3.1 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Rio de Janeiro	23
1.3.2 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de <i>Medellín</i>	23
1.3.3 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla	24
1.3.4 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Santo Domingo	26
1.3.5 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida	27
CAPÍTULO II	29
A ECLESIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO NA EXORTAÇÃO APOSTOLICA <i>EVANGELI GAUDIUM</i>	29
2.1 A Igreja em estado permanente de missão	30
2.2 Os desafios da Igreja no mundo de hoje	34
2.3 A sinodalidade: caminho para a participação das mulheres na vida eclesial	41
CAPÍTULO III	47
A VISIBILIDADE DA MULHER NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO	47
3.1 A presença das mulheres bíblicas, na perspectiva do Papa Francisco.....	50
3.2 A relevância feminina no Magistério do Papa Francisco.	55
3.3 As ações concretas do Papa Francisco em relação ao protagonismo das mulheres na Igreja.61	
CONCLUSÃO	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS	69

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Conclusão de Curso tem por tema: A participação das mulheres na eclesiologia do Papa Francisco. Objetivou-se refletir sobre o envolvimento das mulheres na Igreja, trazendo presente um resgate histórico a partir da Sagrada Escritura, no Concílio Vaticano II, nas Conferências Latino-Americanas, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, nos documentos do Magistério do Sumo Pontífice.

Deste modo, apresentamos o pensamento do Papa Francisco sobre o protagonismo e atuação das mulheres no âmbito eclesiológico, através de documentos, discursos, catequeses, homilias e entrevistas em torno do tema. Constatamos que, neste Pontificado, a participação das mulheres no ambiente eclesial, teve um aumento significativo desde os últimos pontificados.

O tema escolhido busca aprofundar a reflexão sobre a participação da mulher na Igreja após o Concílio Vaticano II; analisa como o protagonismo feminino vem ganhando visibilidade no Pontificado do Papa Francisco.

Observa-se que a mulher, desde os primórdios da Igreja Católica, esteve presente na Igreja como célula viva nas pastorais, nos movimentos, na família, na vida religiosa consagrada, nas assessorias de diversos organismos, inclusive nas Conferências Episcopais e Sínodos, após o Concílio Vaticano II. Neste momento, introduziu-se várias reformas na vida eclesial, tendo como base o reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres, enquanto imagem e semelhança de Deus, destinados à mesma vocação. Porém, houve poucas mudanças quando se trata das mulheres na Igreja. Até então, nunca foi dado o direito à voz ativa nas decisões. Atualmente, identificamos que, no Pontificado do Papa Francisco, dá-se maior reconhecimento da dignidade batismal e da importância do papel da mulher dentro dos organismos da Igreja. O Papa insiste na valorização das mulheres e enaltece o “gênio feminino”. Assim afirma na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho e nos vários lugares onde se toma decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais” (EG 103).

Essa pesquisa contribuirá com futuras reflexões em torno da participação das mulheres e possíveis mudanças que possam ocorrer dentro da organização da Igreja. Com o Papa Francisco, manteremos a esperança de que novos caminhos serão abertos para que as mulheres tenham a mesma oportunidade de viver a dignidade batismal e possam igualmente contribuir nas decisões e renovação eclesial.

Este trabalho está dividido em três capítulos, organizados de forma pedagógica, para que possamos ter uma visão de como se efetivou a participação das mulheres na Igreja e no Pontificado do Papa Francisco. No primeiro momento, observa-se uma compreensão da origem do termo *Ekklesia*, como foi o processo de abertura para os leigos na Igreja. O segundo momento foi sobre a eclesiologia do Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e, finalmente, no terceiro momento, a visibilidade da mulher neste Magistério atualmente.

Dessa forma, o leitor deparar-se-á com um amplo conhecimento sobre a participação das mulheres na vida eclesial e de como o Papa Francisco garante que esse protagonismo seja reconhecido pela Igreja em todos os âmbitos.

CAPÍTULO I

A ECLESIOLOGIA E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Este capítulo tem como objetivo esclarecer a fundamentação do termo *Ekklesia* e quais foram os elementos históricos iniciais do tratado, no período da Patrística, nos Concílios Vaticano I e II e como se deu a participação das mulheres na Igreja. O Concílio Ecumênico Vaticano II provocou inúmeras mudanças na vida eclesial, sendo que uma das maiores preocupações do Papa João XXIII era transmitir, de forma acessível e pastoral, a Doutrina da Igreja, pois o mundo moderno passava por grandes transformações. Por fim, tratará sobre as Conferências latino-americanas; as preocupações em torno da atuação das mulheres na Igreja e que tipos de mudanças ocorreram; e sobre a participação delas no ambiente eclesiástico. Partindo destes pontos, será possível fazer uma construção teórica para avançar na reflexão sobre o papel da mulher na vida eclesial.

1.1 A fundamentação do termo “*Ekklesia*”

Conforme a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, para compreendermos a fundamentação do termo *Ekklesia*, faz-se necessário, primeiro, um olhar aos conceitos fundamentais que estão na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição, por serem a base da Igreja,

A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência (DV,9).

1.1.2 Sagrada Escritura

Na Sagrada Escritura, o povo do Antigo Testamento se organizou para cultuar o Deus Único, e este povo escolhido surge a partir da experiência do Êxodo. É Deus que se manifesta à humanidade por meio de Moisés. Nessa perspectiva de organização do povo, para a caminhada da libertação, é que a ideia de comunidade surge na história.

De acordo com Pié-Ninot:

O termo grego *'ekklesia*, do qual deriva o termo latino *ecclesia*, de que provém *igreja*, na Septuaginta traduz sempre a expressão hebraica *qahal*, que significa “aviso de convocação” e “assembleia reunida”. Esse termo foi introduzido na época do Deuteronômio, por volta do século VII a. C, com uma fórmula significativa: “O dia da assembleia” (Dt 4,10;9,10;18,16), que Moisés pronuncia como lembrança do dia em que o Senhor lhe ordenara que convocasse o povo em assembleia (*qahal*= *'ekklesia*) para a celebração da aliança (PIÉ-NINOT, 1998, p.27).

Segundo Bartmann, no Novo Testamento, após a experiência com Jesus Cristo nas primeiras comunidades, que o termo Igreja ganhou maior visibilidade. Vejamos:

O termo igreja, no significado de assembleia dos fiéis designa quer comunidades particulares, quer a totalidade da Igreja. É usado para comunidades particulares de casas, ex, a de Priscila e Áquila (Rm16,5) a de Ninfa (Col 4,14): para comunidades particulares de cidades, como de Jerusalém (At 8,1;11,22;15,4), e de Antioquia (At 13,1;14,26;15,3) a de Éfeso (At 20,17) a da Galácia (Gál 1,2; cf.1,22) a de Corinto (Rom 16,1), a da Ásia (I Cor 16,19), a de Macedônia (II Cor 8,1). Todavia o mais das vezes o termo *Εκκλησία* de signa toda a Igreja de Deus, sobre a terra (Mt16,18; At 5,11;8, 1.3;9,31;12, 1.5;20,28), particularmente em S. Paulo (I Cor 10,32; 11,16;14,4;15,9; Ef 1,22; 5, 23.29; Col 1,18; I Tim3,15; cof. também Tg5,14). Encontra-se uma vez *Εκκλησία πρωτότοκος* (Hebr 12,23), que sem dúvida designa aqui Igreja celeste, a qual aparece muito claramente no Apocalipse de S. João (7,9ss; 14,1ss; 15,3; etc.). A distinção entre Igreja “militante” e Igreja “triumfante” encontra, portanto na Escritura (BARTMANN, 1964, p. 414).

Notamos que a experiência de Igreja parte de duas vivências diferentes, uma no Antigo Testamento e outra a partir da vida de Jesus, no Novo Testamento. Elas se completam entre si, formando um único povo de Deus.

A experiência do Novo Testamento é a que melhor conhecemos até então, pois, no livro dos Atos dos Apóstolos encontra-se o retrato das primeiras comunidades cristãs, como elas viviam e como testemunhavam a sua fé: “Eles mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42).

Era uma Igreja vivencial, que estava fortemente ligada à comunhão eucarística, ao cuidado com os necessitados e à organização eclesial, pois era confiada somente aos apóstolos: “... traziam os valores das vendas e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo sua necessidade” (At 4,34-35).

A partir deste contexto, identificamos que a Igreja era uma assembleia assídua e missionária, testemunhava sua fé em um Deus único e verdadeiro, sendo que todos eram responsáveis na evangelização. Neste período, não se tinha uma organização hierárquica e os ensinamentos eram à missão dos apóstolos, testemunhas oculares de Jesus Cristo. Com isso, a

Igreja se expandiu em diversos lugares e foi obrigada a ter uma melhor organização, que se deu ao longo dos séculos.

1.1.3 No período da Patrística

No contexto do século I, a Igreja iniciou um processo de estudo sobre si, de forma sistemática, denominada de Patrística. De acordo com Bogaz, Hansen e Couto,

O início da Patrística não é definido como um marco cronológico, mas como um período de passagem. Se consideramos que os textos bíblicos estão inscritos no período da segunda metade do século I, consideramos que nesta passagem inicia-se o período dos “Padres e Mães da Igreja primitiva (BOGAZ, HANSEN, COUTO, 2016, online).

Conforme Pié-Ninot, foi no período da Patrística que o termo “*ekklesia*” começou a ser compreendido em dupla tradução: “o sentido ativo-convocação e o sentido passivo- congregação” (PIÉ-NINOT, 1998, p. 27). Nesse período, temos os Padres Apostólicos, Latinos, Antignósticos e os Gregos, que defenderam a Igreja de inúmeras heresias dos pagãos, influenciando os pensamentos dos Santos Padres. De acordo com Bartmann, “a polêmica com os hebreus, os gnósticos, os Montanistas, os Donatistas, reforçou e aumentou sua consciência prática e teórica da Igreja” (BARTMANN, 1964, p. 425).

Nesta época, foi formulado um dos primeiros documentos da Igreja, intitulado como Didaquê ou Doutrina dos Apóstolos, auxiliando na organização eclesial e na vida eclesiológica. De acordo com Bartmann:

A Didakê, sem dúvida, testemunha-nos ainda ação livre dos carismáticos na comunidade e no-los apresenta invariavelmente com esta ordem: apóstolos, profetas, doutores (11e13; cfr. I Cor 12,28; Ef 2,20;4,11). Mas não somente encontramos na comunidade diante deles, bispos, e diáconos estáveis (15) mas vemos também que eles julgam da ortodoxia e da moralidade dos carismáticos (11) Junto à unidade eclesiástica da verdadeira doutrina, aparece a claramente a unidade *Didakê* a unidade do culto, dos Sacramento e da vida moral (BARTMANN, 1964, p. 425).

Na Didaquê, observa-se claramente o desenvolvimento das primeiras comunidades, a preocupação com o culto e a evangelização dos cristãos. Dessa forma, podemos afirmar que a definição de Igreja estava recebendo novas características na história.

Ainda na Patrística, surgiram grandes sacerdotes que dedicaram suas vidas em defesa da Igreja e, anos depois, foram reconhecidos como os Santos Padres. Nessa perspectiva, ressaltamos

Santo Inácio de Antioquia e São Clemente, que eram Padres Apostólicos. Foram eles que iniciaram as reflexões sobre a organização hierárquica da Igreja. Na obra de Bartmann, São Clemente afirma:

A Igreja é o único rebanho fiel de Cristo governada pela hierarquia e a hierarquia vem de Deus: “Os apóstolos foram mandados levar a boa-nova pelo Senhor Jesus Cristo: Jesus Cristo foi mandado por Deus, o Cristo portanto, vem de Deus e os Apóstolos, de Cristo (BARTMANN, 1964, p. 426).

Inácio de Antioquia (35-110 d.C.) escreveu inúmeras cartas, às quais foram de fundamental importância na caminhada das Igrejas em Éfeso, Magnésia, Tralli, Roma, Filadélfia, Esmirna. Estas cartas abordavam, de maneira enfática, temas relacionados à hierarquia da Igreja, contribuindo na organização da vida eclesial dos primeiros séculos. Segundo Suzana da Mota,

O tema que mais se destaca nas cartas de Santo Inácio é a Eclesiologia com atenção especial para a hierarquia. Ele usa a palavra Bispo 60 vezes, a palavra presbítero 20 vezes e a palavra diácono 15 vezes, sendo que 13 vezes aparece a hierarquia toda reunida (MOTA, 1996, p.121).

Na eclesiologia, Inácio de Antioquia é uma referência. Ele é mencionado na Constituição Dogmática da Lumen Gentium, no Catecismo da Igreja Católica e entre tantos outros documentos.

Na Patrística, a Igreja enfrentava inúmeros conflitos com as correntes das heresias e filosofias pagãs, que questionavam as verdades doutrinárias da Igreja. Diante destes fatos, a concepção de Igreja passou por atualizações, e a consciência hierárquica é uma delas, como afirma Bartmann:

Três fatos revelam-nos em que grau a consciência hierárquica da Igreja se reforçara pelo ano 150: 1) A constituição oficial do cânon dos Livros Sagrados; 2) afirmação da sucessão apostólica dos bispos; 3) a afirmação de que a continuidade da tradição é garantida pelos bispos (*charismaveritatis*). Os Padres antigóticos (S. Irineu, Tertuliano) insistiram sobre estes três pontos contra a gnose cuja filosofia emanacionista punha em sério perigo as verdades ensinadas pela Igreja. Os Padres antigóticos (S. Irineu, Tertuliano) insistiram sobre estes três pontos contra a gnose cuja filosofia emanacionista punha em sério perigo as verdades ensinadas pela Igreja (BARTMANN, 1964, p. 427).

Os Padres Latinos buscavam, com seus estudos, construir uma organização institucional eclesial, pois, naquele contexto, fazia-se necessário refletir sobre esses assuntos, uma vez que a sociedade também passava por transformações. Os Padres Antignósticos, que são dos séculos II e III, surgiram para defender a Igreja das filosofias da gnose, que questionavam os fundamentos da vida eclesial. Também os Padres Gregos, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Justino Mártir, Irineu de Lyon, Tertuliano, Cipriano de Cartago, Clemente de Alexandria e Orígenes, todos

pertenciam a Escola de Alexandria. Eles seguiam os mesmos conceitos dos Padres Latinos no combate às heresias.

O movimento de defesa da Igreja e profissão de fé, que ocorreu na Patrística, teve uma participação ativa de mulheres que marcaram a história com suas atitudes na sociedade e na vida eclesial, entre elas: Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, as mártires Tecla, Perpétua e Felicidade, Blandina, Águeda, Luzia, Inês de Roma, Cecília, Anastácia e as poetisas e pensadoras: Santa Macrina, Santas- Marcela, Paula e Eustáquia e Mônica, mãe de Santo Agostinho, dentre tantas outras que se dedicaram, no silêncio e oração, em defender a Igreja. Estas mulheres são inspiração para outras até os dias atuais.

1.1.4 Nos Concílios Vaticano I e II

O Concílio Vaticano I surge no contexto histórico do século XIX, período conturbado com a racionalidade filosófica e ainda efeitos do período da Reforma Protestante. Trazendo uma reflexão sobre a infalibilidade papal, tema que foi o centro das discussões conciliares. Nisso surgem os ataques que questionavam a Igreja sobre a sua origem e criação. Diante desta realidade o Papa Pio IX percebe a necessidade de um posicionamento da Igreja, respondendo as necessidades daquele período histórico. De acordo com Souza:

O concílio teve início na data significativa de 8 de dezembro de 1869, (Festa da Imaculada Conceição, dogma proclamado por Pio IX). Realizado na Basílica de São Pedro, sob a presidência de Pio IX. A assembleia conciliar propunha-se além da condenação dos erros modernos, a definição da doutrina sobre a Igreja (SOUZA, 2020, p. 297).

Após a convocação, ocorreram várias sessões de estudos relacionados à Igreja e, com isso, surgiram os objetivos gerais, os novos posicionamentos, como destaca Souza:

O objetivo principal que transparecia nesta convocação era enfrentar a questão desdobrada a partir do início do século XIX, ou seja, enfrentar a Modernidade que tomara outros rumos com a evolução e pensamentos e práticas oriundos da tríade revolucionária: Iluminismo, Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Desejava Pio IX que a infalibilidade papal e o primado fossem definidos e proclamados nesta assembleia conciliar (SOUZA, 2020, p. 287).

Nesta assembleia conciliar, refletiu-se sobre a definição da infalibilidade papal e o seu primado de jurisdição, para que se tornasse algo definitivo na Igreja. Foi elaborada a Constituição Dogmática *Pastor Aeternus* e, de acordo com Pié-Ninot,

A contribuição eclesiológica mais significativa desse concílio é sem dúvida aquilo que se refere à infalibilidade pontifícia na constituição dogmática *Pastor Aeternus*. Nela, o primado papal à Igreja e tem como finalidade a preservação da unidade dessa mesma Igreja mediante a unidade do episcopado (PIÉ-NINOT, 1998, p.19).

Nesta perspectiva, foram elaboradas outras contribuições que, conforme Ney de Souza, são “o Projeto de Constituição Dogmática *De Ecclesia Christie* a Constituição Dogmática *Dei Filius* sobre fé e razão”. (SOUZA, 2020, p.297). O Concílio Vaticano I não foi encerrado devido à Guerra Franco-prussiana, que ocorreu de julho de 1870 a 1871, no Continente Europeu. Diante desta realidade, as sessões conciliares foram suspensas e nunca mais foram reabertas.

O Concílio Ecumênico Vaticano II iniciou em 11 de outubro de 1962, na Basílica São Pedro, convocado pelo Papa João XXIII. Ney de Souza destaca que, “o Concílio Vaticano II é um evento dialógico. É uma Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da Contemporaneidade” (SOUZA, 2020, p.372).

O Papa João XXIII convoca à Igreja a viver um novo pentecostes, um processo de *aggiornamento*¹ na vida eclesial, para se adequar ao contexto social de pós-guerra e de transformações na sociedade. Com isso, era necessárias mudanças em todos os âmbitos da Igreja, tanto nas práticas pastorais como nas reflexões teológicas.

Conforme Teixeira e Silva, o Concílio Ecumênico Vaticano II foi organizado em três aspectos:

1) A vida pastoral da Igreja, uma maneira de compreender o conjunto da fé e uma abertura ao mundo moderno. 2) O ecumenismo, um convite para a busca da unidade das Igrejas cristãs. 3) E o *aggiornamento*, uma Igreja atenta às vicissitudes do mundo moderno, inserida na atualidade e aberta ao diálogo com o diferente (TEIXEIRA; SILVA, 2010, p.18).

No Concílio se elaborou uma metodologia de compreensão sobre a eclesiologia, que são retratadas nos Documentos Conciliares, em três perspectivas: o Social, a Fé e a Prática na pastoral. De acordo com Pié-Ninot:

A Igreja deu uma definição de si mesma na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* em outras constituições, decretos ou declarações. Encontra-se muitos elementos de eclesiologia em outros documentos conciliares, como as outras três constituições: sobre a liturgia (*Sacrosanctum Concilium*), sobre a revelação (*Dei Verbum*), sobre a Igreja no mundo (*Gaudium et Spes*); assim como nos decretos: sobre a atividade missionária na Igreja (*Ad gentes*), sobre o ministério dos bispos (*Christus Dominus*), sobre o ministério

¹*Aggiornamento* foi a palavra utilizada por João XXIII para expressar as intenções do Concílio Vaticano II: “levar a Igreja católica a um processo de atualização que a colocasse em sintonia com as dores, angústias, alegrias e esperanças dos homens e mulheres de seu tempo (GS, 1)

dos presbíteros (*Presbyterorum ordinis*), sobre o apostolado dos leigos (*Apostolicam Actuositatem*), sobre o ecumenismo (*Unitatis Redintegratio*) (PIÉ-NINOT, 1998, p. 22).

O Papa Paulo VI, em seu discurso de abertura na segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, de maneira categórica, ressalta que Jesus Cristo é luz do mundo, dissertando assim:

Que este Concílio tome plena consciência desta relação entre nós e Jesus, múltipla e singular, firme e estimulante, misteriosa e claríssima, íntima e beatificante; entre está Igreja santa e viva que somos nós, e Cristo, de quem vimos, por quem vivemos e para o qual caminhamos. Nenhuma outra luz se veja sobre esta reunião que não seja Cristo, luz do mundo; nenhuma outra verdade interesse as nossas almas, que não sejam as palavras do Senhor, nosso único mestre; nenhuma outra aspiração nos guie, que não seja o desejo de lhe sermos absolutamente fiéis; nenhuma outra confiança nos mantenha, senão a que, através da sua palavra, sustenta a nossa fraqueza desoladora: “Et ecce Ego vobiscum sum omnibus diebusque ad consummationem saeculi”: Eu estou sempre convosco até à consumação dos séculos (PAULO VI, 1963).

Ao apresentar Jesus Cristo, a Igreja também é guiada pela ação da Santíssima Trindade, pois é chamada de Pai, incorporada ao Filho e guiada pela ação do Espírito Santo (cf. LG,2). A partir desta experiência de comunhão (*koinonia*), é que se afirma a origem da Igreja Católica. A vida eclesial deve ser no mundo sinal visível desta “*koinonia*”, pois é através do testemunho de comunhão que outras pessoas conheceram o verdadeiro amor de Deus pela humanidade.

Assim, a Igreja cumprirá sua missão de ser, no mundo, um canal de graça e de salvação. No Evangelho segundo Mateus, Jesus confia aos seus discípulos e a toda Igreja uma missão:

Ide portando, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar-se tudo quando vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos (Mt 28, 19-20).

Nesta perspectiva missionária, o Concílio Vaticano II trouxe para a Igreja uma nova visão de si mesma que, através da ação do Espírito Santo, deu-se a abertura de suas portas para dialogar com o mundo moderno.

1.2 O caminho de abertura da Igreja para a participação das mulheres na vida eclesial a partir do Concílio Vaticano II

A partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, as autoridades eclesiásticas concederam maior abertura para atuação dos leigos na vida eclesial. Nesta perspectiva, iremos compreender como ocorreu esse processo na caminhada da Igreja, à luz dos Documentos Conciliares.

O primeiro Documento Conciliar é a *Sacrosanctum Concilium*, aprovado quase por unanimidade pelos padres conciliares. Este documento aborda, de maneira objetiva, a reforma da Sagrada Liturgia, que atualizou os ritos, oficializou a língua latina como oficial na Igreja e determinou que as Celebrações Eucarísticas fossem celebradas na língua vernácula, para permitir maior envolvimento dos fiéis leigos nas celebrações. No entanto, notou-se uma necessária formação no cuidado e zelo da participação na Liturgia. Neste sentido, o Documento destaca:

A Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; deem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador (38), progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos (SC, 48).

Segundo Ratzinger, “celebrar a Eucaristia significa, assim, entrar na adoração do Deus que abraça o céu e a terra, que se abriu com a cruz e a ressurreição” (RATZINGER, 2013, p.42). Diante da busca do ser humano em se relacionar com Deus, cresce o desejo em anunciar o Evangelho.

Com a participação dos fiéis leigos na liturgia, surgem, na vida eclesial, diversos grupos: equipes de animação litúrgica, de formações litúrgicas, de artes litúrgicas e músicas, relacionadas com a Sagrada Liturgia, com base na Sagrada Escritura. Surgem, também, orações próprias do povo de Deus, porém acompanhadas e conduzidas pelos seus pastores.

O Vaticano II buscou aproximar o ser humano de Deus, através da liturgia. Deus sempre desejou estar próximo das suas criaturas, desde quando “os criou a sua imagem e semelhança” (Gn1,27). Conforme Ratzinger, a “dimensão horizontal e vertical de Deus e a unidade da humanidade, a comunhão de todos aqueles que adoram em espírito e verdade constituem uma só coisa”. (RATZINGER,2013, p.42).

O segundo documento oficial da Igreja, chamado de Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, foi promulgado solenemente pelo Papa Paulo VI, em 21 de novembro de 1964. Este documento, após inúmeras sessões, destaca a importância de Cristo ser a verdadeira luz para os povos.

Os Padres Conciliares desejavam abordar, neste documento, uma perspectiva cristocêntrica da Igreja, como afirma Schmidt,

A *Lumen Gentium* é Constituição que vai dar o norte, a doutrina, construindo a concepção da Igreja como um corpo, um corpo com diversos membros, não qualquer corpo, mas um

Corpo Místico; mais: um Corpo Místico de Cristo, cabeça, onde todos os batizados são membros, enxertados, ligados a Cristo-cabeça (SCHMIDT, 2021, online).

O Concílio Vaticano II, além de ressaltar a perspectiva ecumênica, enfatizou uma perspectiva pastoral. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, em seus oito capítulos, discorre sobre o mistério da Igreja, o Povo de Deus, a constituição hierárquica da Igreja e, em especial, o episcopado, os leigos, a vocação de todos a santidade na Igreja, os religiosos, o caráter escatológico da Igreja peregrina e a sua união com a Igreja celeste, e sobre Maria Santíssima no mistério de Cristo e da Igreja.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* salienta a importância do batismo, pois é por meio dele que somos chamados a sermos testemunhas de Cristo e viver em santidade, pois “todos na Igreja, quer pertençam da hierarquia, quer sejam dirigidos por ela, são chamados à santidade segundo a palavra do Apóstolo: Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação (1Ts4,3; cf. Ef1,4)” (LG,39).

É através do Sacramento do Batismo que os leigos participam do “múnus sacerdotal, profético e real de Cristo” (LG, 31). Os leigos, ao assumirem a sua vocação de testemunhar o Cristo no mundo secularizado, possibilitam que a mensagem do Evangelho chegue até os confins do mundo. Diante disso, o documento afirma:

Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. Vivem no mundo, isto é, em toda e qualquer ocupação e atividade terrena, e nas condições ordinárias da vida familiar e social, com as quais é como que tecida a sua existência (LG, 31).

Com base nas Constituições *Sacrosanctum Concilium* e *Lumen Gentium*, podemos frisar que a Igreja permitiu que suas portas fossem abertas para a participação ativa dos leigos e leigas nas suas ações pastorais, assumindo, assim, o sacramento do batismo e a evangelização de todos os povos.

No período do Concílio Ecumênico Vaticano II, foram elaborados outros documentos conciliares, entre eles o Decreto *Apostolicam Actuositatem*, que esclarece “a natureza, a índole e a variedade do apostolado dos leigos, bem como enunciar os princípios fundamentais e dar instruções pastorais para o seu mais eficaz exercício” (AA, 1).

O apostolado necessita ser cultivado na espiritualidade para se viver a fé, a esperança e a caridade, pois essas virtudes são importantes para ser como o Cristo. A “espiritualidade dos leigos deve assumir uma característica peculiar do estado matrimonial e familiar, do celibato ou viuvez,

da condição de enfermidade e da atividade profissional e social” (AA, 4). A Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos é o modelo perfeito de vida espiritual e de vida apostólica (cf. AA, 4).

Na Igreja, os leigos vivem os sacramentos, comunicam a mensagem de Cristo ao mundo, pois “têm o seu papel de grande importância a desempenhar, para serem cooperadores... da verdade (3Jo, 8). Sobretudo neste domínio, o apostolado dos leigos e o ministério pastoral completam-se mutuamente” (AA, 6).

Ao longo de todo o Decreto, os caminhos para o comprometimento dos fiéis em caráter pastoral e o protagonismo dos leigos, fica sob a observação dos seus pastores. O Papa Paulo VI expressou o desejo de que o apostolado comum seria dever da hierarquia eclesial e de todos os fiéis, e que “trabalhem fraternalmente com os leigos na Igreja e pela Igreja, e tenham um cuidado especial com os mesmos nas suas tarefas apostólicas” (AA, 25).

Notamos, dessa forma, uma abertura ao laicato na vida eclesial, enfatizando a igualdade entre o homem e a mulher como imagem e semelhança do Criador. No entanto, ressaltou-se maior visibilidade aos homens, pois, de acordo com a *Lumen Gentium*, o serviço ao diaconato só poderá ser destinado aos homens “com o consentimento do Romano Pontífice, ser conferido a homens de idade madura, mesmo casados, ou também a jovens idôneos...” (LG, 29).

Ao longo de todo documento *Lumen Gentium*, notamos a invisibilidade das mulheres, especificamente na escrita, pois no texto existe uma generalização dos termos para ambos os gêneros, tais como: “leigos”, “pais”, entre outros. Sendo assim, observamos que, através da linguagem, dá-se legitimação a participação das mulheres no caminhar da Igreja e na vida familiar.

O Decreto menciona que, nos vários campos do apostolado, as mulheres são mais ativas, pois “é de grande importância uma participação mais ampla delas também nos vários campos do apostolado da Igreja” (AA, 9). Neste contexto, elas continuam sendo notadas como as que servem a Igreja e não como membros ativos na participação de decisões da Igreja.

A partir do Concílio Vaticano II, surgiram inúmeros acontecimentos, como os Sínodos, as Conferências, as Assembleias Episcopais e outros movimentos. Dessa forma, as mulheres vão ganhando maior visibilidade na Igreja.

1.3 A percepção das Conferências Latino-americanas sobre a atuação das mulheres na Igreja.

As Conferências Latino-americanas são no total de cinco: Rio de Janeiro (1955), *Medellín* (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Elas surgem para auxiliar a Igreja a responder as urgências deste Continente. Em cada Conferência iremos aprofundar como transcorreu a participação das mulheres no contexto eclesial, uma vez que a Igreja na América Latina passava por avanços na evangelização. Diante destes acontecimentos, elas assumem outras funções na caminhada da Igreja.

1.3.1 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Rio de Janeiro

A Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Rio de Janeiro ocorreu no período de 29 de julho a 04 de agosto de 1955. Teve como base a Carta *Ad Ecclesiam*, sobre às necessidades da Igreja na América Latina. O Papa Pio XII destaca:

Não devemos, porém, ocultar-vos, Venerável Irmão, que uma angústia angustiante está incessantemente ligada a esta Nossa consideração, pois ainda não vemos resolvidos os graves e sempre crescentes problemas da Igreja na América Latina; sobretudo aquele que com angústia e vozes de alarme foi justamente denunciado como o mais grave e perigoso, e que ainda não teve uma solução cabal: a insuficiência do clero (PAPA PIO XII, 1955).

A Conferência no Rio de Janeiro teve como prioridades a evangelização em defesa de fé, as vocações e a preparação do clero. Os bispos se preocupavam com o avanço do protestantismo em todo o Continente da América Latina, pois os territórios eram imensos e os evangelizadores eram poucos. Como essa Conferência ocorreu antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, não se teve grandes avanços na vida eclesial.

1.3.2 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de *Medellín*

Ocorreu de 26 de agosto a 06 de setembro de 1968 a segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de *Medellín*, que teve como tema “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Nesta época, era urgente apresentar ao Continente Latino-Americano como seria a caminhada da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. De acordo com a introdução do documento de *Medelín*, “a Igreja procurou compreender este momento histórico do homem latino-americano à luz da Palavra, que é Cristo, em que se manifesta o mistério do homem” (MED, 1977, 41).

O Documento foi dividido em três partes: *Promoção Humana*: Justiça, Paz, Família e Demografia, Educação e Juventude; *Evangelização e Crescimento na fé*: Pastoral Popular, Pastoral de Elites, Catequese, Liturgia; *A Igreja visível e suas estruturas*: Movimentos de Leigos, Sacerdotes, Religiosos, Formação do Clero, Pobreza da Igreja, Pastoral de Conjunto, Meios de Comunicação Social.

De acordo com Peretti e Queiroz,

Na Conferência de Medellín, em 1968, a classe das mulheres se encontra dentro das maiorias excluídas, e serão citadas apenas uma só vez ao longo de todo o documento “a mulher reivindica sua igualdade, de direito e de fato, com o homem (PERETTI; QUEIROZ, 2021, p.140).

Este documento não faz referência à participação das mulheres, pois as prioridades da Igreja eram apresentar linhas de ações, para se colocarem em prática as propostas que surgiram no Concílio Ecumênico Vaticano II.

1.3.3 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla tem como tema: “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”. É um documento de caráter pastoral e foi elaborado em dois anos de profunda dedicação aos estudos sobre a realidade da Igreja.

Na introdução do Documento, a partir da opção preferencial pelos pobres, Beni dos Santos destaca:

O documento de Puebla não é um tratado de teologia, isto é, um discurso sistemático e metódico sobre a compreensão da fé. Não é um documento de natureza jurídica, destinado a traçar uma conduta obrigatória e devida. Trata-se de um documento pastoral, que pretende ser fonte de inspiração para a caminhada da Igreja em nosso continente (DP, 1977, p. 55).

O documento apresenta os objetivos principais e aponta caminhos pastorais para as necessidades da Igreja Latino-americana. Ele é dividido em cinco partes: Visão pastoral da realidade da América Latina; Desígnio de Deus sobre a América Latina; A evangelização na Igreja da América Latina: Comunhão e Participação; A Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina e o dinamismo do Espírito: opções Pastorais.

Foi adotado o método do ver, julgar e agir em sua estrutura. Assim afirma Beni dos Santos na introdução do documento:

A Estrutura se desenvolve segundo o método teológico-pastoral de ver a realidade analiticamente (primeira parte), julgá-la com os critérios da fé (segunda parte) e agir pastoralmente para a transformá-la (terceira, quarta e quinta parte) (DP, 1977, p. 56).

Diante das urgências pastorais da Igreja na América Latina, percebemos, nos textos do documento, a visibilidade das mulheres nas Comunidades Eclesiais de Base. Em sua estrutura de evangelização admite que,

A mulher merece uma menção especial: tanto a religiosa quanto a dos institutos seculares e as simples leigas participam atualmente, cada vez mais, das tarefas pastorais, embora, em muitos lugares, ainda exista o medo desta participação (DP, 125).

Dos números 834 a 849, o documento fundamenta sobre a situação de marginalização da mulher latino-americana no contexto social, no meio familiar e na Igreja. Conforme este mesmo documento, “Na própria Igreja, tem havido por vezes uma valorização insuficiente da mulher e uma escassa participação da mesma em nível de iniciativas pastorais” (Puebla, 839).

A Conferência percebe o protagonismo da mulher na vida da Igreja, no entanto, limita sua participação nas decisões eclesiais, uma vez que estas só podem ser realizadas por homens ordenados, conforme o documento:

A mulher, com suas aptidões características, deve contribuir eficazmente para a missão da Igreja, participando em organismos do planejamento e ordenação pastoral, catequese etc. A possibilidade de confiar às mulheres ministérios não ordenados lhes abrirá novos caminhos de participação na vida e missão da Igreja (DP, 845).

Sobre a percepção das mulheres na vida eclesial o documento enfatiza “o papel fundamental da mulher como mãe, defensora da vida e educadora do lar” (DP, 846). Segundo o mesmo documento,

A Igreja é chamada a contribuir para a promoção humana e cristã da mulher, ajudando-a assim a sair de situações de marginalização em que se possa ser encontrar e capacitando-a para sua missão na comunidade eclesial e no mundo (DP, 849).

Conclui-se que, essa Conferência, de forma significativa, deu destaque ao papel das mulheres como agentes de transformação. No entanto, é preciso avançar e conceder espaços para que elas tenham voz ativa nas reflexões e decisões da Igreja.

1.3.4 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Santo Domingo

Ocorreu em Santo Domingo, no período de 12 a 28 de outubro de 1992, a quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Teve como tema a “Nova Evangelização, Promoção humana e Cultura cristã”, e como lema: “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). A Conferência foi convocada pelo Papa João Paulo II em 12 de dezembro de 1990.

Essa Conferência faz memória dos trinta e sete anos da Conferência do Rio de Janeiro, dos vinte e quatro anos da Conferência de Medellín e dos treze anos da Conferência de Puebla. Tem como intuito celebrar os 500 anos da primeira evangelização no Continente Latino-Americano e evidenciar uma Nova Evangelização.

No início do documento, os Bispos responsáveis sintetizam:

O Documento de Santo Domingo quer ser uma palavra de esperança. Um instrumento eficaz para uma nova evangelização. Uma mensagem renovada de Jesus Cristo, fundamento da promoção humana e princípio de uma autêntica cultura cristã (SD, 1992, p. 19).

Nesta perspectiva, as linhas pastorais que o Documento expõe são: a Nova Evangelização, com ênfase na Pastoral Vocacional, com especial protagonismo dos leigos e, entre eles, dos jovens; a educação da fé, na catequese, na liturgia e na missão; a Promoção Humana Integral, a partir de uma evangélica e renovada opção pelos pobres, à serviço da vida e da família; a Evangelização inculturada, que penetra os ambientes marcados pela cultura urbana e que se encarna nas culturas indígenas e afro-americanas, com uma eficaz ação educativa e uma moderna comunicação (cf. SD, 302). Nestas linhas pastorais, enfatiza-se a pessoa de Jesus Cristo.

Assim como na Conferência de Puebla, o documento de Santo Domingo dá continuidade nas reflexões sobre a participação feminina na Igreja e situam a mulher no seu contexto de vulnerabilidade social e liderança na sociedade.

Conforme o documento de Santo Domingo,

Em nosso tempo, a sociedade e a Igreja têm crescido em consciência da igual dignidade da mulher e do homem. Ainda que teoricamente se reconheça esta igualdade, na prática, ela frequentemente é desconhecida. A nova evangelização deve ser promotora decidida e ativa da dignificação da mulher. Isto supõe aprofundar o papel da mulher na Igreja e na sociedade (SD,105).

Nas linhas de ações, a Conferência de Santo Domingo apresenta uma preocupação com a violência contra as mulheres latinas e caribenhas e propõe novos caminhos de mudanças:

Promover a formação integral para que haja verdadeira tomada de consciência da dignidade comum do homem e da mulher. Anunciar profeticamente o ser verdadeiro da mulher, retirando do Evangelho a luz e a esperança do que ela é em plenitude, sem reduzi-la a modalidades culturais transitórias. Criar espaços para que a mulher possa descobrir seus próprios valores, apreciá-los e oferecê-los abertamente à sociedade e à Igreja (SD, 107).

Nesse contexto eclesiológico, o documento dispõe de meios que favorecem a dignidade da mulher: “Desenvolver a consciência dos sacerdotes e dirigentes leigos para que aceitem e valorizem a mulher na comunidade eclesial e na sociedade, não só pelo que elas fazem, mas, sobretudo pelo que são” (SD, 108).

Em relação ao papel das mulheres na caminhada da Igreja, são dadas responsabilidades na evangelização, porém não é permitido que tenham voz ativa nos espaços de decisões da Igreja. De acordo com o documento:

É preciso incorporar as mulheres no processo de tomada de decisões responsáveis em todos os âmbitos: na família e na sociedade. Urge contar com a liderança feminina e promover a presença da mulher na organização e animação da nova evangelização da América Latina e do Caribe. É necessário estimular uma pastoral que promova as mulheres indígenas no campo social, educativo e político (SD, 109).

É notável que a colaboração das mulheres na vida eclesial continua sendo vista como servidoras da família, educadoras do lar e evangelizadoras na fé. Entretanto, o Clericalismo e o Patriarcalismo continuam sendo predominantes na Igreja.

1.3.5 Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe ocorreu nos dias 13 a 31 de maio de 2007, convocada pelo Papa Bento XVI, na cidade de Aparecida, SP. O Documento de Aparecida deseja refletir sobre a vida pastoral, sua missão e seus desafios, e apresenta o chamado da Igreja Latino-Americana a ser missionária. Segundo este documento, a ação evangelizadora da Igreja é “chamada a fazer todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nele nossos povos tenham vida” (DAp, 1).

De acordo com a participação das mulheres na Igreja Latino-Americana, o Documento de Aparecida trás alguns destaques importantes sobre a redação inclusiva, utilizando termos e expressões que denotam abertura e aproximação para com seus membros. Conforme o documento,

A relação entre a mulher e o homem é de reciprocidade e colaboração mútua. Trata-se de harmonizar; complementar e trabalhar somando esforços. A mulher é corresponsável, junto com o homem, pelo presente e futuro de nossa sociedade humana (DAp, 452).

Outro destaque é sobre o conhecimento da realidade das injustiças que as mulheres latino-americanas e caribenhas sofrem, tanto na sociedade como na realidade eclesial (cf. DAp, 453-454).

Salienta-se a percepção do protagonismo das mulheres nas lutas sociais, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e na luta pelos seus direitos. Aponta, ainda, algumas ações pastorais: “Garantir a efetiva presença da mulher nos ministérios que na Igreja são confiados aos leigos, como também nas instâncias de planejamento e decisão pastorais, valorizando sua contribuição” (DAp,458b).

Na sessão sobre a família, dos números 451 a 459, encontramos relatos sobre a dignidade e atuação das mulheres na Igreja e na sociedade. Assim, como nas Conferências de Puebla e de Santo Domingo, que discorrem sobre a visibilidade feminina na vida social e na vida eclesial, também a Conferência de Aparecida valoriza a maternidade, a responsabilidade na transmissão da fé, na educação dos filhos e na colaboração da evangelização. Frisa, também, o contexto de vulnerabilidade, de violência e de exclusão que elas vivem na família, na sociedade e na Igreja.

Neste capítulo, perpassamos a compreensão e definição do termo *Ekklesia*, na Sagrada Escritura, no período da Patrística, no período Conciliar e as definições nas Conferências Latino-Americanas, da mesma forma a sua progressão na compreensão da adjacência em si e sua aplicabilidade teológica e pastoral, em um processo de evolução e desenvolvimento na Igreja. Observamos, também, a abertura e reconhecimento das mulheres na vida eclesial proporcionada, principalmente, pelo Concílio Vaticano II e sua atuação e compromisso social na Igreja Latino-Americana, que foi resultado do episcopado reunido nas mais diferentes Conferências.

CAPÍTULO II

A ECLESIOLOGIA DO PAPA FRANCISCO NA EXORTAÇÃO APOSTOLICA *EVANGELII GAUDIUM*

O objetivo deste capítulo é apresentar a compreensão da eclesiologia do Papa Francisco à luz da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, “Alegria do Evangelho”, que foi promulgada em Roma, no encerramento do Ano da Fé, em 24 de novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei do Universo.

Este é o primeiro documento no pontificado do Papa Francisco que recolhe as contribuições do Sínodo dos Bispos de 2012, convocado pelo Papa Bento XVI sobre a Nova Evangelização. O Papa Francisco faz um resgate histórico do Concílio Vaticano II e baseia-se na sua experiência na teologia da América Latina e em alguns documentos conciliares, como a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975) do Papa Paulo VI.

O Papa Francisco constrói seu pontificado buscando uma compreensão de Igreja através de uma linguagem acessível a todos e todas. A partir da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, o Pontífice discorre algumas diretrizes que irão encorajar e conduzir a Igreja a assumir uma Nova Evangelização:

A reforma da Igreja em saída missionária; as tentações dos agentes de pastorais; a Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza; A homilia e sua preparação; a inclusão social dos pobres; a paz e o diálogo social; as motivações espirituais para o compromisso missionário (EG, 17).

Em síntese, todos os pontos apresentados da Nova Evangelização, o Papa destacou estes elementos como fundamentais para uma renovação da Pastoral na Igreja, fazendo, dessa forma, o plano norteador do seu Pontificado, respondendo, de maneira atualizada, os anseios pastorais da vida eclesial, seguindo o Espírito Conciliar. De acordo com Christoph Theobald,

Evangelii Gaudium é um programa aberto, que não se limitou a “sintetizar” os resultados do Sínodo, mas ousou pensar com e desde os resultados uma “nova forma” de ser Igreja hoje. Nela desvelam-se os interesses, as feições e a forma de como o papa concebe o mundo e a experiência eclesial. Não lhe satisfaz uma Igreja fechada em si mesma, mas precisa aventurar-se na busca do outro (THEOBALD, 2016, online).

A Exortação quer “indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG, 1). Por isso, são propostos passos para nova prática na evangelização e missionariedade da Igreja. A

partir das linhas eclesiológicas presentes na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, iremos aprofundar o desejo do Pontífice em relação à Igreja, pois notamos que, desde as suas primeiras palavras, ele anseia por uma Igreja em “estado permanente de missão” (EG, 25) e amplia elementos que se refletiu, anteriormente, na construção e redação do Documento de Aparecida. Isso exige que cada cristão viva a eclesialidade proposta pelo Pontífice, que nos desafia e nos faz questionar a metodologia e prática da Igreja atual.

2.1 A Igreja em estado permanente de missão

No início da Exortação, o Papa Francisco diz: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus.” (EG 1). A Igreja, ao ter esse encontro com o Cristo, coloca-se em “estado permanente de missão” com a possibilidade de anunciar Jesus Cristo em todos os lugares.

O Pontífice propõe novos passos: participação, descentralização do poder, diálogo, serviço, sensibilidade humana, provocando a Igreja a ser próxima dos pobres e dos marginalizados, bem como procurar vários meios para que eles sejam percebidos com dignidade. Sobrinho ressalta:

O magistério de Francisco nos ajuda a compreender esse itinerário. Tento como primeiro texto totalmente firmado por ele está a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) que retoma o caminho de evangelização na perspectiva conciliar da descentralização, levando uma reflexão da fé cristã a partir do encontro do Cristo e no espírito de abertura ao diálogo e ao serviço, numa dinâmica de Igreja servidora e pobre, ao lado dos pobres, dando testemunho de Jesus Cristo. Esse tema da Igreja pobre faz ressurgir o debate presente entre os padres conciliares no Vaticano II sobre a pobreza da Igreja que ajudou positivamente na renovação eclesial a partir da recepção da *Lumen Gentium et Spes* (SOBRINHO, 2022, p. 38).

Na eclesiologia do Papa Francisco e no documento acima mencionado, encontramos uma proposta de vivermos uma Igreja em saída, que vive a colegialidade, a inculturação em suas realidades; uma Igreja de discípulos-missionários que vivencia o seu batismo; uma Igreja que dá testemunho de fé no cotidiano da vida; uma Igreja dos pobres e para os pobres.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* expõe várias luzes para dialogar com o mundo atual. Em relação a isso, propõe um convite para despertar a Igreja para uma transformação missionária, a partir da “evangelização que obedece ao mandato missionário de Jesus: “ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos mando (Mt 28,19-20)” (EG,1). Diante desta ordem, a Igreja assume sua vocação missionária e evangelizadora.

Neste documento, o Papa Francisco aponta caminhos para que a evangelização seja adequada aos tempos de hoje. Por isso, sua reflexão está em torno de uma renovação eclesial, centrada no anúncio da fé. Conforme Mário de França Miranda, “Ele insiste, sobretudo, em que o núcleo da fé cristã seja realmente anunciado, a saber, “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (36).” (MIRANDA, 2022, p.19).

O Bispo de Roma afirma que “a evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram” (EG, 14). Sendo assim, somos todos responsáveis pela missão batismal da Igreja, pelo anúncio do Evangelho em todo e qualquer lugar, mesmo enfrentando os desafios da evangelização que, de acordo com Christoph Theobald,

Na evangelização, a palavra é muito importante, mas a primazia reside no testemunho, ou seja, na palavra que se faz “carne” e se faz ação. Através disso, a vivência não se torna viável por um argumento de autoridade ou de hegemonia, mas pela autoridade da atração como condição necessária, para que com liberdade, a “comunicação” da Boa-Notícia atinja seu efeito, promovendo vida, dignidade, integração e alegria em meio a tantos desafios (THEOBALD, 2016, online).

O Papa Francisco, sob a luz do Evangelho, nos aponta cinco passos importantes para ação da Igreja na pastoral: “primeirar, envolver-se, acompanhar, frutificar e festejar” (EG,23). A partir destas ações, a Igreja é chamada a viver o diálogo e assumir a missionariedade. Sobre estes aspectos, de Souza e da Silva afirmam:

Os cinco passos que sintetizam a missão da Igreja, exigem também uma verdadeira conversão. Nem sempre é fácil sair da comodidade, do lugar de segurança e da zona de conforto, mas a “Igreja em saída revela-se através de seus filhos e fiéis ‘em saída’, num ‘êxodo’ contínuo em busca do outro (DE SOUZA e DA SILVA, 2021, p. 768)”.

A Exortação Apostólica nos revela não somente o anseio do Papa frente aos desafios hodiernos, mas também algumas orientações práticas para essa “saída missionária”, fazendo com que a Igreja reflita a prática evangelizadora que estava vivenciando até então.

A Igreja “em saída” necessita de uma conversão pastoral, que se dá a partir do olhar abrangente do Pontífice. Conforme Miranda,

O Papa Francisco considera a Igreja como “de saída”, a qual em sua estrutura e em sua atividade se torne “um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à sua autopreservação” (27), sabendo “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (20). Os evangelizadores devem contrair “o cheiro das ovelhas” (24). Daí o apelo à renovação de toda a sua pastoral (11), que pressupõe “uma conversão pastoral e missionária” na linha do Documento de

Aparecida (25). Como não é fácil romper com a inércia do status que bem conhecido e familiar, o papa convida “todos a serem ousados e criativos” (33) nesta tarefa de repensar a ação pastoral da Igreja. (MIRANDA, 2014, p. 406).

A conversão pastoral perpassa por questões sociais e a Exortação. Nas questões de caráter social, é pertinente destacar: “inclusão dos pobres, a paz e o diálogo social” que exigem um envolvimento de todas as forças vivas, tanto da sociedade como da Igreja, pois é responsabilidade dos fiéis viverem a solidariedade e pôr em prática o “Evangelho da Misericórdia”. Como cita o documento:

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo (EG, 187).

Em relação ao diálogo social e a construção da paz, só será possível quando tomarmos consciência dos espaços das realidades atuais e de como podemos transformá-las diante de tantas urgências, tanto nos meios sociais e eclesiais. É impossível pensar em paz e diálogo sem adentrar no campo da política, da economia, dos movimentos sociais, das juventudes, da cultura, do ecumenismo e da colegialidade.

É refletindo sobre esses espaços, na Igreja e na sociedade, que a evangelização buscará a transformação integral, partindo da opção pelos mais pobres, “a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-las no centro do caminho da Igreja.” (EG, 198).

Ao referenciar-se a opção pelos mais pobres na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco procura fazer uma reflexão ampla e um resgate histórico, pois, desde as Conferências Latino- americanas, já era algo de reflexões. E, de acordo com Tiago Cosmo da Silva Dias,

Pobres, neste caso, engloba toda a classe que, por definição, não tem voz, poder e importância, porque não tem recursos. Por essa razão, deveriam ser os primeiros a receberem o anúncio e atenção da Igreja, e isso não por um privilégio ou por um merecimento, mas por necessidade. Obviamente que a Igreja não pretendia, de forma alguma, solucionar o problema da pobreza, porque esta missão até lhe escapa, mas pretendia empoderar os pobres, à luz do Evangelho, para que fossem sujeitos de sua própria transformação. (DIAS, 2022, p. 258).

O documento expõe outros problemas que são frutos da realidade atual, tais como: a perseguição religiosa, o relativismo com a globalização da indiferença, principalmente, os mais pobres e as novas formas de escravidão, dentre outros.

Diante destas realidades, o Papa Francisco propõe uma reforma na Igreja, fundamentada no Concílio Ecumênico Vaticano II, destacando a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975) do Papa Paulo VI; no Magistério latino-americano e na XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos de 2012, a qual apontou três âmbitos: o âmbito da pastoral ordinária; o âmbito das pessoas batizadas que não vivem as exigências do Batismo e o âmbito da evangelização que está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho a aqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram (cf. EG,14).

A partir da proposta para a Nova Evangelização da Igreja, o Papa Francisco sugere a renovação na prática pastoral, no intuito de efetivar a construção do Reino de Deus a partir de uma Igreja “em saída”, que vive “a alegria do Evangelho”. Ele impulsiona a sair, ir ao encontro das pessoas, anunciando e testemunhando o Cristo. Isso provoca alegria no missionário, na missionária que se colocam a caminho e essa “alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar” (EG, 21).

O Pontífice, ao enfatizar a reforma das estruturas e a conversão pastoral, convida-nos a vivermos o batismo e assim evangelizarmos o mundo contemporâneo. A Exortação assim expressa:

Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar com os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma “simples administração”. Constituamo-nos em “estado permanente de missão”, em todas as regiões da Terra (EG, 25).

Refletindo o anseio pastoral, próprio do Vaticano II, o Papa resgata essa conversão, destacando a missionariedade como meio para efetivar uma real abertura aos afastados ou os **não-iniciados** na fé católica. O Papa Francisco espera consolidar, no seu pontificado, o rosto da Igreja missionária, por acreditar que seja possível. Ele motiva a abertura a todos, dizendo:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! – prefiro uma Igreja acidentada ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos (EG, 49).

O Bispo de Roma anseia por uma renovação eclesial a partir da “descentralização” (EG, 16) do poder, e conta com a colaboração de todos os batizados e batizadas, pois, “cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um

sujeito ativo de evangelização” (EG,120). Todas e todos são chamados a construir o Reino de Deus.

A Igreja está em missão no mundo: a fé em Jesus Cristo dá-nos a justa dimensão de todas as coisas, fazendo-nos ver o mundo com os olhos e o coração de Deus; a esperança abre-nos aos horizontes eternos da vida divina, de que verdadeiramente participamos; a caridade, que antegozamos nos sacramentos e no amor fraterno, impele-nos até aos confins da terra (cf. *Miq* 5, 3; *Mt* 28, 19; *At* 1, 8; *Rm* 10, 18). Uma Igreja em saída até aos extremos confins requer constante e permanente conversão missionária. Quantos santos, quantas mulheres e homens de fé nos dão testemunho, mostrando como possível e praticável esta abertura ilimitada, esta saída misericordiosa ditada pelo impulso urgente do amor e da sua lógica intrínseca de dom, sacrifício e gratuidade (cf. *2 Cor* 5, 14-21)! (FRANCISCO, 2019)

Quando os cristãos batizados se reconhecem colaboradores na ação evangelizadora da Igreja, o impulso missionário e a mensagem do Cristo Ressuscitado alcançam até mesmo os confins da terra. Neste sentido, Christoph Theobald declara que,

Nessa fusão de horizontes, o “estilo” assume uma nova linguagem e uma nova compreensão, na mudança cotidiana de uma Igreja relevante e aberta, não fechada em seu próprio mundo, mas aberta para a contribuição de todos: escutar atentamente os clamores e os valores de todas as gentes (THEOBALD, 2016, online).

2.2 Os desafios da Igreja no mundo de hoje

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, como um documento de perspectiva pastoral, propõe caminhos e maneiras para firmar uma renovação pastoral e situa-se numa realidade marcada por grandes desafios: violências, desigualdades e inúmeras vulnerabilidades.

Ao compreender a realidade do mundo contemporâneo, o Papa Francisco expõe nos números 50-109 do documento, passos para um “discernimento evangélico. É o olhar do discípulo-missionário que se nutre da luz e da força do Espírito Santo” (EG, 50), e se insere nas dores, nos sofrimentos da realidade atual e busca transformá-las. É o que vai afirmar FAGGIOLI:

Evangelii Gaudium é um programa aberto, que não se limitou a “sintetizar” os resultados do Sínodo, mas ousou pensar com e desde os resultados uma “nova forma” de ser Igreja hoje. Nela desvelam-se os interesses, as feições e a forma de como o papa concebe o mundo e a experiência eclesial. Não lhe satisfaz uma Igreja fechada em si mesma, mas precisa aventurar-se na busca do outro (FAGGIOLI, 2013, online).

A Igreja na contemporaneidade passa por momentos difíceis devido à falta de dinamismo e de abertura em relação à ação pastoral. Assim, reitera o documento:

Nesta Exortação, pretendo debruçar-me, brevemente e numa perceptiva pastoral, apenas sobre alguns aspectos da realidade que podem deter ou enfraquecer os dinamismos de renovação missionária da Igreja, seja porque afetam a vida e a dignidade do povo de Deus, seja porque incidem sobre os sujeitos que mais diretamente participam nas instituições eclesiais e nas tarefas de evangelização (EG, 51).

Há alguns desafios do mundo atual que afetam não só a vida na sociedade, mas também a prática pastoral. O documento afirma, ainda, que “a humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica que podemos constatar nos processos que se verificam em vários campos” (EG, 52). Na Exortação são apontados alguns destes campos que, com os avanços dos processos científicos, as inovações tecnológicas, o sistema económico entre outras mudanças, apesar de não serem tão negativas, geram na sociedade desigualdade, falta de respeito, violência, discriminação, racismo e tantas outras inversões de valores, que não geram vida para todos (cf. EG, 52).

Diante desta situação, surge a economia da exclusão que forma “o jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco” (EG, 53), criando assim a “cultura do “descartável” que “o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora.” (EG, 53). Esse tipo de organização social cria a desigualdade social e a “globalização da indiferença” (EG, 54) que afetam principalmente os mais pobres e excluídos da sociedade. E, para a mudança ocorrer, é necessário agirmos diferente, como destaca o Bispo de Roma em sua mensagem aos participantes no Fórum Social das Migrações:

A transformação positiva das nossas sociedades começa pela rejeição de todas as injustiças, que hoje procuram a sua justificação na “cultura do descarte”, uma doença “pandémica” do mundo contemporâneo. Esta oposição apresenta-se como uma primeira atuação de justiça, sobretudo quando consegue dar voz aos “sem-voz”. E entre estes últimos estão os migrantes, os refugiados e os deslocados, que são ignorados, explorados, violados e abusados no silêncio culpado de muitos. (FRANCISCO, 2018)

A crise mundial de carácter financeiro, a qual estamos vivendo atualmente, criou a idolatria ao dinheiro, sendo este um grande desafio. O documento declara que,

Criamos novos ídolos. A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Ex32,1-35) encontro uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura de uma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano (EG, 55).

Esta idolatria ao dinheiro tem “origem em uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano” (EG, 55), causando, com isso, um desequilíbrio social, em que o ser humano é descartado, só tem valor quem está com o poder e, assim, poucos na sociedade tem muito e outros muitos não têm nem mesmo o pouco para manter-se com dignidade. O Papa

Francisco destaca que, “por detrás desta atitude, escondem-se a rejeição da ética e a recusa de Deus.” (EG, 57). Diante disso, propõe um novo caminho para viver a solidariedade na sociedade.

Outro desafio é “a exclusão na sociedade e a desigualdade dentro da sociedade entre os vários povos, sendo impossível desarraigar a violência.” (EG,59). Em relação a esses desafios, o Pontífice chama de “câncer social” (EG, 60), que está vivo de forma silenciosa e camuflada nos meios sociais, gerando violência e indignação, pois “o sistema político e econômico é injusto na sua raiz” (EG, 59). Assim está exposto no documento:

Quando a sociedade – local, nacional ou mundial- abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade.” [...] “É o mal cristalizado nas estruturas sociais injustas, a partir do qual não podemos esperar um futuro melhor. Estamos longe do chamado “fim da história”, já que as condições de um desenvolvimento sustentável e pacífico ainda não estão adequadamente implantadas e realizadas (EG, 59).

O Pontífice tem consciência de que as crises da sociedade afetam diretamente a vida eclesial, destacando a preocupação com os desafios culturais e a globalização que, em muitos casos, se manifestam em ataques “à liberdade religiosa e perseguições aos cristãos, que, em alguns países, atingiram níveis alarmantes de ódio e violência.” (EG, 61).

A generalização da indiferença relativista está relacionada com a desilusão e com as crises de ideologias (cf. EG, 62). Essas atitudes prejudicam a vida social e eclesial, porque a “cultura dominante ocupa o primeiro lugar naquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial e provisório. O real sede lugar para à aparência” (EG, 62).

Com a globalização, os meios de comunicação social ganharam visibilidade e apresentaram para a sociedade os seus aspectos positivos e negativos. Um dos lados negativos é a polarização da falta de respeito com a cultura e a religiosidade dos países diferentes. No mundo, existem várias formas de viver as suas crenças e seus valores, porém a globalização não propõe caminhos de respeito às diferenças e igualdade social.

Segundo o Papa Francisco,

A comunicação tem o poder de criar pontes, favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo assim a sociedade. Como é bom ver pessoas esforçando-se por escolher cuidadosamente palavras e gestos para superar as incompreensões, curar a memória ferida e construir paz e harmonia. As palavras podem construir pontes entre as pessoas, as famílias, os grupos sociais, os povos. E isto acontece tanto no ambiente físico como no digital. Assim, palavras e ações hão de ser tais que nos ajudem a sair dos círculos viciosos de condenações e vinganças que mantêm prisioneiros os indivíduos e as nações, expressando-se através de mensagens de ódio. Ao contrário, a palavra do cristão visa fazer crescer a comunhão e, mesmo quando deve com firmeza condenar o mal, procura não romper jamais o relacionamento e a comunicação. (FRANCISCO, 2016)

Os desafios culturais em uma sociedade cada vez mais materialista, consumista e individualista, afetam diretamente a vivência da fé com a “proliferação de novos movimentos religiosos. Alguns tendentes ao fundamentalismo que parecem propor uma espiritualidade sem Deus” (EG, 63). Consequentemente, isso gera, na vida social, a indiferença, o individualismo, o vazio existencial, a falta de sentido da vida, os suicídios, as doenças emocionais.

Todas essas situações na humanidade enfraquecem o sentido da transcendência em Deus, gerando conflitos existenciais e comunitários entre as pessoas, devido à crise que o mundo está vivendo recentemente. Dessa forma, o Papa Francisco afirma que,

Temos de reconhecer que, «entre as causas mais importantes da crise do mundo moderno, se contam uma consciência humana anestesiada e o afastamento dos valores religiosos, bem como o predomínio do individualismo e das filosofias materialistas que divinizam o homem e colocam os valores mundanos e materiais no lugar dos princípios supremos e transcendentais. Não se pode admitir que, no debate público, só tenham voz os poderosos e os cientistas. Deve haver um lugar para a reflexão que provém de um fundo religioso que recolhe séculos de experiência e sabedoria. «Os textos religiosos clássicos podem oferecer um significado para todas as épocas, possuem uma força motivadora», mas de facto «são desprezados pela miopia dos racionalismos» (FT, 275).

Eis os desafios para vida pastoral da Igreja que necessitam manter-se firmes e fiéis ao seguimento a Jesus Cristo, ao Magistério da Igreja e a Sagrada Escritura, sem deixar, no entanto, de perceber os clamores dos mais pobres, o grito da natureza e tantas outras dores que afetam o mundo. O Papa Francisco salienta que é “necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores.” (EG, 64). E, em outro momento, afirma:

Ora cada mudança precisa duma caminhada educativa que envolva a todos. Por isso, é necessário construir uma «aldeia da educação», onde, na diversidade, se partilhe o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas. Como afirma um provérbio africano, «para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira». Mas, esta aldeia, temos de construí-la como condição para educar. (FRANCISCO, 2019)

Precisamos encontrar maneiras de combater essas atuais e fortes correntes, como a secularização, o relativismo, o individualismo pós-moderno que afetam não só a vida pastoral da Igreja, mas também as comunidades, os grupos sociais e, principalmente, as famílias. Contra essas forças, o Pontífice chama atenção dos agentes de pastoral:

A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais.

Enquanto no mundo, especialmente em alguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gl 6,2). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos (EG, 66).

A ação pastoral da Igreja deve ser centrada na pessoa de Jesus Cristo, que nos convida a irmos ao encontro dos vulneráveis da sociedade e anunciar o Evangelho com a sensibilidade de “acompanhar, cuidar e fortalecer a riqueza existente e a fragilidade de procurar novas maneiras de evangelização da cultura, isso requer paciência e perseverança” (cf. EG, 69).

Na sociedade existem feridas abertas como “o machismo, o alcoolismo, a violência doméstica, uma escassa participação na Eucaristia, crenças fatalistas ou supersticiosas que levam a recorrer à bruxaria etc.” (EG, 69), que precisam ser curadas pela força do anúncio do Evangelho. Para tanto, é necessário ter agentes de pastorais dispostos a sair ao encontro destas pessoas e auxiliá-las no processo de libertação.

Os desafios nas culturas urbanas são grandes e tem urgência para a evangelização, mas, antes, é necessário compreender esse universo. Diante desta realidade, por ser um ambiente multicultural, o Pontífice apresenta métodos para a evangelização próprios deste espaço:

Precisamos identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A “presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida.” (EG, 71). [...]Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidos as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. – A Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil (EG, 74).

O Sucessor de Pedro almeja uma Igreja que seja missionária, que não tenha medo de sair ao encontro das pessoas e anunciar o Evangelho. Por isso aponta os desafios sociais que são inúmeros. No entanto, é preciso olhar para os desafios pastorais da Igreja e dos agentes de pastorais que também são frutos desta globalização. Francisco reconhece a dedicação, o amor e o comprometimento que cada um vive nas diversas pastorais da Igreja, mas também aponta algumas tentações, vivenciadas nos últimos tempos na vida eclesial.

A primeira tentação é “uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor” (EG, 78). Percebemos que os agentes se tornam pessoas profissionais da Igreja, fechadas em si, preocupadas consigo mesmas, agarradas em suas convicções doutrinárias e espirituais e se prendem nas seguranças econômicas. Com isso, caem no “relativismo prático e agem como se Deus não existisse, sonham como se os outros não existissem, trabalham como se

aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG, 80). Então a espiritualidade missionária se torna um desafio e o Papa exorta: “Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário.” (EG, 80).

A segunda tentação não está muito distante da primeira, quando os agentes pastorais se colocam como profissionais do sagrado, em razão de estarem presos a execução e não a vivência do amor-serviço, vindo, assim, o “desânimo pastoral”, pois existem vários fatores para se chegar neste estágio (cf. EG 82). Segundo o documento, “a ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos, faz com que os agentes pastorais não tolerem facilmente tudo o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz” (EG, 82).

Com os agentes pastorais frustrados, a Igreja não avança na missão. Conforme o Papa Francisco, “desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu.” (EG, 83). Isso é algo grave na vida eclesial, por isso ele exorta: “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG, 83).

A terceira tentação é o pessimismo estéril. Em outras palavras, podemos dizer que é não acreditar na graça de Deus e se deter a olhar somente para seus fracassos. Essa atitude é contagiante na Igreja, por isso o Papa Francisco diz, “Uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e mal-humorados desencantados.” (EG, 85). Mas, por outro lado, não podemos perder a esperança em Deus, pois é Ele que conduz a caminhada da Igreja.

A quarta tentação é o isolamento pessoal e comunitário, que não permitem estarem disponíveis para acolher o novo, as mudanças, as novidades do Evangelho de Jesus Cristo. Assim, “O fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG, 87).

A cura deste mal, segundo o Papa Francisco, é o “Evangelho que, convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa, permanecendo lado a lado” (EG, 88).

Somos cristãos chamados a sermos o Evangelho no mundo, vivendo e testemunhando a fé em Cristo, mas é necessário viver em comunidade, acolhendo nossas diferenças e vivendo o amor, a doação, o acolhimento, a espiritualidade, a solidariedade e outros valores. A vida em comunhão nos torna mais irmãos e irmãs. A Exortação expressa: “São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG, 92).

A quinta tentação é o mundanismo espiritual que tem em si, duas raízes dominantes, o fascínio do neognosticismo e o neopelagianismo; são correntes que a sociedade atual vivência e, de certa forma, transparece na ação pastoral da Igreja. Segundo o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé,

O Santo Padre Francisco, no seu magistério ordinário, referiu-se muitas vezes a duas tendências que representam os dois desvios antes mencionados, e que se assemelham em alguns aspectos a duas antigas heresias, isto é, o pelagianismo e o gnosticismo. Prolifera em nossos tempos um neo-pelagianismo em que o homem, radicalmente autônomo, pretende salvar-se a si mesmo sem reconhecer que ele depende, no mais profundo do seu ser, de Deus e dos outros. A salvação é então confiada às forças do indivíduo ou a estruturas meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito de Deus. Um certo neo-gnosticismo, por outro lado, apresenta uma salvação meramente interior, fechada no subjetivismo. Essa consiste no elevar-se «com o intelecto para além da carne de Jesus rumo aos mistérios da divindade desconhecida». Pretende-se, assim, libertar a pessoa do corpo e do mundo material, nos quais não se descobrem mais os vestígios da mão providente do Criador, mas se vê apenas uma realidade privada de significado, estranha à identidade última da pessoa e manipulável segundo os interesses do homem. (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 2018, Nº 3).

Neste sentido, podemos compreender as definições destas novas heresias que assolam o interior da Igreja e trazem grandes problemas para a vida pastoral, dificultando as realidades com o transcendente e imanente, que compreendem as relações. Para a cura desta tentação, afirma o Pontífice:

Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho! (EG, 97) Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno (EG, 101)

Para a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, existem outros desafios na Igreja: a presença do clericalismo, a necessidade da formação dos leigos, a presença das mulheres na vida eclesial, a preocupação com os jovens, a escassez de vocações na vida consagrada e na vida sacerdotal.

O Santo Padre tem demonstrado em seu magistério a preocupação com a participação efetiva das mulheres na vida eclesial e, por esse motivo, dedica, nos números 103 a 104 da Exortação, uma profunda reflexão, sobre o tema. No início do número 103, expõe o reconhecimento das qualidades e habilidades das mulheres para além da maternidade. Destacam-se as responsabilidades e contribuições que oferecem a serviço da Igreja, mas expressa, de forma convincente, que são necessárias várias mudanças, como mostra o documento:

É preciso ampliar os espaços para a presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque “o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho” e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais (EG 103).

Em relação à dignidade entre homens e mulheres, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, em seus parágrafos, viabiliza a igualdade entre os gêneros, porém respeita o Magistério da Igreja quando evidencia o sacerdócio ordenado reservado somente aos homens.

Em relação às decisões importantes da Igreja, atualmente, cabe somente aos ministros ordenados. No entanto, nota-se uma participação de leigos e leigas em assembleias, congressos, em outras ocasiões reservadas para reflexões de mudanças do contexto eclesial, porém não se percebe uma voz ativa deles nestes ambientes. Em relação a participação das mulheres, existe um distanciamento visível, elas não são notadas como corresponsáveis na vida eclesial. É nesta relação de invisibilidade do protagonismo dos leigos e leigas na Igreja que o Papa Francisco nos convoca a refletir quando nos fala de uma “Igreja em saída”. De acordo com Peretti e Queiroz,

Nessa perspectiva o Papa enfatiza a valorização da missão dos leigos/as. Ele afirma que estes devem descobrir cada vez mais sua identidade na Igreja: os leigos/as, de modo particular as mulheres não devem continuar permanecer às margens das decisões. No seu magistério, exalta o papel das mulheres em todos os setores da sociedade afirmando que sua contribuição não deve se limitar a temas “femininos”. Francisco valoriza o papel da mulher, sua presença na vida social, econômica e política em nível local, nacional e internacional, assim como eclesial. Enfatiza a grande contribuição das mulheres na teologia e sua contribuição no Magistério da Igreja. (PERETTI, QUEIROZ, 2015, online).

Eis então, “um grande desafio para os Pastores e para os teólogos, que poderiam ajudar a reconhecer melhor o que isto implica no que se refere ao possível lugar das mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja.” (EG, 104). Diante desta situação, o Pontífice propõe novos caminhos, em que se possa refletir sobre o lugar das mulheres na vida eclesial, pois esta é uma questão que vem sendo discutida desde o início da caminhada da Igreja.

2.3 A sinodalidade: caminho para a participação das mulheres na vida eclesial

Após percorrermos a eclesiologia do Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, com suas diretrizes e os desafios presentes na atualidade, buscaremos aprofundar sobre a sinodalidade, por certo, acreditamos que sejam caminhos que o Bispo de Roma possibilitou a

Igreja refletir sobre sua caminhada pastoral, bem como a participação das mulheres na vida eclesial.

Os sínodos são assembleias sempre presentes na caminhada da Igreja. No entanto, o primeiro Sínodo dos Bispos, de acordo com o autor Sérgio Conrado, “no período pós-conciliar, em 1965, São Paulo VI convocou o primeiro Sínodo dos Bispos.” (CONRADO, 2020, p. 4). Desde então, a Igreja proporcionou inúmeros outros sínodos para refletir sobre diversos temas relacionados à evangelização.

A palavra sinodalidade é de origem grega, que foi traduzida para o latim como *sinodus* ou *concilium*. Sérgio Conrado conceitua,

As raízes de “sínodo” e de “concílio” sejam diferentes, o significado é convergente. Aliás, “concílio” enriquece o conteúdo semântico de “sínodo”, explicitando a palavra hebraica *qahal*, a assembleia convocada pelo Senhor, e a sua tradução no grego *ecclesia*, que designa, no Novo Testamento, a convocação escatológica do Povo de Deus em Cristo Jesus. A distinção no uso das palavras “concílio” e “sínodo” na Igreja católica é recente; no Vaticano II (*Dei Verbum*, n. 1; *Sacrosanctum Concilium*, n. 1) são sinônimas ao designar a assembleia conciliar. O Código de Direito Canônico da Igreja latina (1983) introduziu uma “precisão”, na qual se distingue entre concílio particular (plenário ou provincial) e Concílio Ecumênico, de um lado, e Sínodo dos Bispos e sínodo diocesano, de outro (CONRADO, 2020, p. 6)

O Papa Francisco procura, em seu pontificado, resgatar diversas experiências já realizadas na Igreja. Por isso, convocou outros Sínodos dos Bispos para refletir sobre família, jovens, Amazônia.

Em 07 de março de 2020, o Pontífice convidou todos os Bispos para um novo Sínodo que teve como objetivo central: a escuta de todos e todas que fazem parte da vida eclesial. Deste os primeiros passos do Pontificado de Francisco, notamos uma contínua busca em encontrar soluções para os diversos desafios de nossa realidade. Acreditamos que, por esses motivos, o Santo Padre anseia em resgatar a escuta e, diante das propostas apresentadas por todos e todas, promover as transformações. Diante destes fatos, propõe um Sínodo como tema: “Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”.

Estas três dimensões são fundamentais: comunhão, participação e missão. O Papa provoca a Igreja ser sinodal, assumindo, de fato, o projeto de Jesus Cristo, que é encontrar novos caminhos e novos espaços missionários, como ele afirmou em seu discurso, “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. (PAPA FRANCISCO, 2015. online)

Para sermos uma Igreja Sinodal, são necessários novos passos e, com isso, o Pontífice evidência que a Igreja precisa continuar caminhando em uma perspectiva de *Koinonia*, de diálogo, que visa o melhor para a evangelização. Em seu discurso de abertura do Sínodo, salientou:

Percorrendo diversos caminhos, viestes de tantas Igrejas trazendo cada um no coração questões e esperanças; e tenho a certeza de que o Espírito nos guiará e concederá a graça de avançarmos em conjunto, de nos ouvirmos mutuamente e iniciarmos um discernimento no nosso tempo, tornando-nos solidários com as fadigas e os anseios da humanidade. Reitero que o Sínodo não é um parlamento, o Sínodo não é uma investigação sobre as opiniões; o Sínodo é um momento eclesial, e o protagonista do Sínodo é o Espírito Santo. Se não estiver o Espírito, não haverá Sínodo (FRANCISCO, 2021).

O destaque que o Bispo de Roma aponta para a Igreja não se perde a estruturação organizacional, mas abre-se para uma perceptiva participação de todos os fiéis, com os relatórios oriundos das comunidades, paróquias, dioceses, conferências episcopais. Nessa perspectiva de escutar os fiéis, aos poucos vai se tornando algo novo na vida eclesial, iluminando e trazendo novos elementos para uma efetiva evangelização.

O Sucessor de Pedro, já nos primeiros documentos, propõe a Igreja um caminho de escuta, de missionariedade, de comunhão e de sinodalidade. Podemos constatar na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, quando afirma:

O Bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tinham um só coração e uma só alma (cf. At 4, 32). Para isso, às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas. Na sua missão de promover uma comunhão dinâmica, aberta e missionária, deverá estimular e procurar o amadurecimento dos organismos de participação propostos pelo Código de Direito Canônico e de outras formas de diálogo pastoral, com o desejo de ouvir a todos, e não apenas alguns sempre prontos a lisonjeá-lo. Mas o objetivo destes processos participativos não há de ser principalmente a organização eclesial, mas o sonho missionário de chegar a todos (EG,31).

O Papa Francisco procura consolidar uma Igreja sinodal mais próxima ao projeto de Jesus Cristo, pois é Nele que está a centralidade da mesma e é por meio Dele que recebemos a salvação.

Notamos que a sinodalidade, o caminhar em comunhão é algo presente na Igreja desde as primeiras comunidades cristãs, lugar onde todos participavam ativamente na evangelização. Homens e mulheres, em espírito de comunhão, construíram uma Igreja sinodal. A Comissão Teológica Internacional, afirma que

“Sínodo” é palavra antiga e veneranda na Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação. Composta pela preposição σύν, com, e pelo substantivo óδός, via, indica o caminho feito conjuntamente pelo povo de Deus. Remete, portanto, ao Senhor Jesus, que apresenta a si mesmo como “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), e ao fato de que os cristãos, em sua sequela, são originariamente chamados “os discípulos do caminho” (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22).

No grego eclesiástico, exprime o ser convocados em assembleia dos discípulos de Jesus e, em alguns casos, é sinônimo da comunidade eclesial. São João Crisóstomo, por exemplo, escreve que Igreja é “nome que indica caminhar juntos (σύννοδος)”. De fato, a Igreja – explica – é a assembleia convocada para dar graças e louvores a Deus como um coro, uma realidade harmônica onde tudo se mantém unido (σύστημα), pois aqueles que a compõem, mediante as suas recíprocas e ordenadas relações, convergem na ἀγάπη e na ὁμόνοια (o mesmo sentir). (COMISSÃO TEOLOGIA INTERNACIONAL, N° 3)

Através dos textos bíblicos, percebemos que as primeiras comunidades vivenciavam os processos de saída, de pastoralidade, de ir ao encontro, de viver a colegialidade, a igualdade entre homens e mulheres. Viviam a sinodalidade na evangelização, trabalhavam lado a lado na missão, pois os discípulos-missionários buscavam ser como o Mestre.

Através do Apóstolo Paulo identificamos o caminho de comunhão e participação na missão. É notável que nas viagens deste apóstolo, as mulheres se tornam corresponsáveis na evangelização.

Ao reconhecer a importância das mulheres na evangelização, Paulo as menciona em suas cartas direcionadas às diversas comunidades, com um afeto expresso. Elas são: Febe, mulher que exercia funções sacerdotais em sua comunidade: “Recomendo-vos Febe, nossa irmã, diaconisa de Cencreia, para que a recebais no Senhor de modo digno, como convém a santos, e a assistais em tudo o que ela de vós precisar, porque ela ajudou a muitos, inclusive a mim” (Rm 16,1); Prisca - “Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus” (Rm 16,3); Maria - “Saudai Maria, que muito fez por vós.” (Rm 16,6); Júnia - “Saudai Andrônico e Júnia”, “meus parentes e companheiros de prisão, apóstolos exímios que me precederam na fé em Cristo” (Rm 16,7); Trifena e Trifosa - “Saudai Trifena e Trifosa, que se afadigaram no Senhor” (Rm 16,12); Pérside - “A querida Pérside, que muito se afadigou no Senhor” (Rm 16,12); “a mãe de Rufo, que é também minha” (Rm 16,13); Júlia e Olimpas - “a Júlia, Olimpas e a irmã de Nereu e sua irmã” (Rm 16,15); Lídia - negociante de púrpura da cidade de Tiatira, e adoradora de Deus. (At 16,15); Evódia e Síntique - “Exorto Evódia e Síntique a serem unânimes no Senhor” (Fl 4,2).

O apóstolo Paulo direciona suas saudações às mulheres comprometidas com o anúncio do Evangelho, pois elas exerciam uma posição de protagonismo frente às comunidades. Ele expressa as necessidades das comunidades de serem corresponsáveis na missão. Neste sentido, Papa Francisco nos recorda:

As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente [...] Aqui está um grande desafio para os Pastores e para os teólogos, que poderiam ajudar a reconhecer melhor o que isto implica no que se refere ao possível lugar das mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja (EG, 104).

O Pontífice traz presente a questão da dignidade das mulheres e a questão do sacerdócio ministerial - “A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, como fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais”. (EG, 104). Por isso, faz-se necessário refletirmos sobre o lugar das mulheres frente às decisões importantes na caminhada da vida eclesial.

Segundo Rosana Manzini, “Dar voz às mulheres pressupõe ouvi-las não como favor, mas com o entendimento de igual pertença.” (MANZINI, 2022, p.484). A questão não é torná-las participante do clero para que tenham vozes ativas na Igreja, e sim conceder espaço que dê dignidade onde suas vozes sejam ativas frente as decisões eclesiais.

É visível a urgência que a Igreja tem em voltar às suas origens e redescobrir o caminho que nos conduz ao caminhar juntos, na mesma sintonia e comunhão, onde não há autoritarismo de um sobre o outro. O caminhar junto é um valor de equidade, em que todos têm os mesmos direitos e deveres, seja dentro de uma organização eclesial ou social.

Eis que a sinodalidade é o caminho para a superação das divisões existentes na vida eclesial. Assim, o Sucessor de Pedro afirmou em seu discurso de comemoração do 50º da Instituição do Sínodo dos Bispos em 2015:

Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar «é mais do que ouvir». É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o «Espírito da verdade» (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele «diz às Igrejas» (Ap 2, 7) (FRANCISCO, 2015).

Ao despertar o momento de escuta, o Papa Francisco provoca aos cristãos batizados a discernirem qual é a mensagem que o Espírito Santo nos quer transmitir, a partir das realidades da vida eclesial, do terceiro milênio.

A sinodalidade é caminho de escuta e diálogo. O Papa desperta a Igreja, em todos os âmbitos, a ouvir e a participar da vida eclesial. Ulloa e Lopes confirmam que,

O Papa retomou o tema da sinodalidade, destacando a sua dupla perspectiva: 1) Sinodalidade do baixo, que parte da vida das igrejas particulares, incluindo a

participação ativa dos leigos; 2) Sinodalidade do alto, que evidencia a singularidade e a especificidade colegial do ministério episcopal. (ULLOA e LOPES, p. 207, 2019)

Na perceptiva da sinodalidade, o Bispo de Roma nos convida a vivenciar e acreditar que os novos caminhos se abrem para o maior envolvimento dos leigos e leigas nos espaços de decisões na caminhada da vida eclesial. Caminhar junto é construir uma Igreja sinodal, onde todos são iguais, com seus dons e capacidades em consolidar o Reino de Deus.

Por fim, percebemos que a eclesiologia que o Papa Francisco apresenta na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é um caminho de conversão pastoral, para que a Igreja viva em estado permanente de missão, em diálogo com a sociedade, pois os desafios dos quais a Igreja enfrenta estão presentes na vida social, impactando diretamente na vida pastoral.

Em relação à participação das mulheres na vida eclesial, a Igreja necessita refletir e entender como está sendo a sua caminhada, pois, caminhar juntos exige: sensibilidade escuta e percepção de como estão sendo os passos de todos os cristãos. Diante desta situação, fica um questionamento: estamos caminhando na mesma direção?

Na caminhada sinodal é imprescindível que se dê espaço para acolher e reconhecer os dons de cada um e de cada uma, para que o Reino de Deus seja de fato uma construção de todos e todas na atual realidade.

CAPÍTULO III

A VISIBILIDADE DA MULHER NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

O terceiro capítulo tem como objetivo dar seguimento à reflexão sobre a participação das mulheres no magistério de Francisco e expor, de maneira sistemática, a presença feminina na Sagrada Escritura, nos documentos, na participação da vida eclesial; verificar quais foram as atitudes concretas que o Bispo de Roma promoveu para dar visibilidade ao protagonismo feminino no período de seu pontificado. Além disso, aborda sobre a presença das mulheres bíblicas e analisa a preocupação do Santo Padre em defender e reconhecer o protagonismo feminino na vida eclesial.

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco tem buscado uma Igreja movida pela alegria do Evangelho, atendendo às demandas da realidade como promotora da equidade e corresponsabilidade na evangelização. O Papa destaca que a presença das mulheres na Igreja é essencial, afirmando que "o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social" (EG, 103) e defende a intervenção nos espaços para uma participação feminina mais incisiva na tomada de decisões.

Sobre a exclusão da mulher, evidenciadas nas passagens bíblicas, Tepedino menciona que a circuncisão já era uma forma de minimizar a figura feminina (Cf. TEPEDINO, 1990 p.56). Acerca disso, o papa enfatiza que as mulheres, tanto pelo batismo como pelo sacerdócio ministerial, são dignas de participar ativamente nas decisões da Igreja. O resgate do protagonismo feminino na história da Igreja é exemplificado pelo Papa através da figura de Maria Madalena, a primeira mulher a testemunhar a ressurreição de Jesus e tornar-se anunciadora da ressurreição. O Pontífice instituiu a festa litúrgica de Maria Madalena, reconhecendo-a como "Apóstola dos apóstolos" e destacou sua importância como parte integrante da comunidade dos discípulos de Jesus.

Segundo Elda Cássia de Lima,

...o apostolado de Madalena é legítimo, já que foi a primeira a ver, dialogar e ser comissionada pelo Cristo ressuscitado. Além disso, foi portadora de um anúncio vital, a partir do qual seria desfeita a dispersão na qual se encontravam os discípulos. A importância da missão evidencia que essa mulher estava pronta, e era habilitada para proclamar o Evangelho da Páscoa. Johnson (2016) considera Madalena tanto uma discípula (alguém que segue), como uma apóstola (chamada e enviada) (DE LIMA, 2021, p.149).

O Papa Francisco também ressalta a figura de Maria, mãe do Salvador, como modelo de serva, mãe e discípula fiel. Ele enfatiza, ainda, a essência feminina de Maria na vida da Igreja, afirmando que a Igreja é "mulher" e que a presença de Maria e da Igreja como mãe é fundamental para gerar harmonia e fecundidade no mundo. Ele reconhece as restrições e dificuldades internas da Igreja e busca resgatar a história, propondo caminhos de mudança. Enfatiza, também a importância de conhecer e amar Maria, destacando-a como a estrela da nova evangelização e a mulher de fé que vive e caminha com o povo. Com essas iniciativas, o Santo Padre busca promover uma inserção eclesial que permita o protagonismo feminino na vida da Igreja. Ele reconhece a presença das mulheres e sua participação ativa, às quais são fundamentais para a construção do Reino de Deus.

A figura feminina no magistério do Papa Francisco tem sido uma temática presente em diversos documentos e encíclicas emitidos durante o seu pontificado. Embora nem todos os documentos façam referências específicas às mulheres, é possível destacar a importância dada pelo Papa à participação feminina na vida eclesial e na sociedade em geral. Dentre os documentos emitidos, podemos citar a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, que aborda o amor na família e ressalta a importância das mulheres no contexto familiar e social.

Os desafios enfrentados pelas mulheres, como a violência e a instrumentalização do corpo feminino na cultura contemporânea, é destaque neste pontificado. Francisco também ressalta a necessidade de reconhecer a dignidade das mulheres, não apenas como mães e esposas, mas como corresponsáveis pela transformação na sociedade e na vida eclesial.

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, que trata do chamado à santidade no mundo atual, o Bispo de Roma reconhece o "gênio feminino" presente na história da Igreja. Ele destaca o papel das mulheres na santidade e menciona várias santas que influenciaram a Igreja, como Santa Hildegarda de Bingen, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa de Ávila e Santa Teresa de Lisieux. O Papa valoriza o testemunho dessas mulheres e reconhece a importância de seu papel na sustentação e transformação das famílias e comunidades.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia*, o Santo Padre aborda questões relacionadas à realidade amazônica e destaca o protagonismo das mulheres na evangelização e nas atividades pastorais da região. Ele reconhece o poder característico das mulheres e convoca a Igreja a ampliar seu horizonte, permitindo que as mesmas tenham acesso a funções e serviços eclesiais que não requeiram a ordenação sacra, e enfatiza a importância das mulheres na organização e nas decisões importantes das comunidades, respeitando o seu perfil feminino.

Além desses documentos, o Pontífice, também, aborda a questão da dignidade das mulheres na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, que trata da fraternidade e amizade social. Ele destaca que a organização das sociedades ainda não reflete a igualdade de direitos entre homens e mulheres, destacando a necessidade de reconhecer e combater a exclusão, os maus-tratos e a violência enfrentada pelas mulheres, reafirmando a sua soberania e direitos.

É fato que, ao longo de seu pontificado, o Papa Francisco tem dado importância à participação e ao papel das mulheres na vida eclesial e na sociedade como um todo. Ele reconhece os desafios enfrentados pelas mulheres e ressalta a necessidade de promover a igualdade, a autonomia e a participação ativa das mulheres na Igreja e na construção de um mundo mais fraterno e justo. Para Maria Cristiana S. Furtado,

O saber teológico e o poder decisório também pertenciam, exclusivamente, à esfera masculina, e a mulher poderia ficar, no máximo, em segundo plano, como uma ajudante, atuando de forma subalterna. Ao homem fora dada uma capacidade lógica e o seu lugar era no âmbito público; já quanto à mulher, pela sua natureza predominantemente emocional, sua função deveria ser no setor privado da casa, a fim de cuidar do marido e dos filhos. (FURTADO, 2022, p. 80)

O Pontífice, embasado no Magistério da Igreja e na Sagrada Escritura, busca criar espaços de transformação e participação visível das mulheres na vida eclesial. Embora não seja possível afirmar que Francisco é o Pontífice mais profético nesse sentido, é inegável que ele tenha oferecido reflexões, tomadas de decisão e nomeações significativas para as mulheres na Igreja. De acordo Furtado,

O Papa Francisco, em defesa do planeta, das minorias, das mulheres, e das mais diferentes pessoas e grupos sociais. Teologias que buscam pensar e olhar para o outro como ele é, perceber o que cada pessoa possui de diferente e de igual ao outro. Que procuram mostrar que cada pessoa é especial porque foi criada por um Deus que tudo o que criou é bom! Um Deus que ama incondicionalmente a todas as pessoas, independente de sexo, gênero, raça, religião etc., e privilegia a vida, celebra o amor, e cada pessoa, como ela é. Em um ano em que o Papa pede para a Igreja ouvir os mais diferentes membros em busca de uma comunhão sinodal, todas as vozes são importantes. (FURTADO, 2022, p. 94)

Historicamente, a nomeação de mulheres para cargos de liderança na Cúria Romana começou com o Papa Paulo VI e, desde então, o Papa Francisco tem multiplicado essas nomeações. Embora o número de mulheres em cargos diretivos na Cúria ainda seja pequeno, o percentual tem aumentado nos últimos anos. Além disso, o este Papa foi o primeiro a nomear mulheres como membros dos organismos da Cúria, permitindo que elas tenham direito a voto em assembleias plenárias. Ele também tem buscado ampliar o protagonismo feminino em outras áreas da vida

eclesial, nomeando mulheres para cargos importantes no Vaticano, como diretora geral dos Museus do Vaticano, secretária-geral do Governatorato do Vaticano e vice-diretora da Sala de Imprensa da Santa Sé, entre outros. Além disso, o Santo Padre tem dado espaço para a presença feminina em organismos como o Dicastério para os Leigos, Família e a Vida, a Pontifícia Academia para a Vida, a Pontifícia Comissão Bíblica e a Pontifícia Academia das Ciências.

Em 2021, foi emitida uma Carta Apostólica, chamada "*Spiritus Domini*", que modificou o Cânon 230 do Código de Direito Canônico, permitindo a instituição do Ministério Instituído do Leitorato e do Acolitado para mulheres. Essa decisão reconhece o papel dos leigos, homens e mulheres, na vida eclesial, baseando-se no sacramento do Batismo, e não apenas no ministério ordenado. As nomeações e ações feitas por Francisco em relação às mulheres na Igreja têm sido reconhecidas como históricas e importantes. Ele tem demonstrado discernimento ao reconhecer a presença feminina nos diversos ambientes e abrir espaços para acolhê-las como corresponsáveis na missão da Igreja. Por meio dessas ações, o Papa retira as mulheres da obscuridade e reconhece seu protagonismo.

Embora ainda haja um longo caminho a percorrer, este Papa tem sido um pontífice que possibilita mudanças para a participação feminina na Igreja, com seu estilo de liderança acessível e sensível aos clamores da realidade. Ele reforça a visão feminina na Igreja e busca fortalecer a presença e o protagonismo das mulheres em todos os níveis e estruturas da instituição. Por meio dessas ações, o Papa Francisco contribui para a construção de uma cultura do encontro, da misericórdia e da paz, reconhecendo que as mulheres têm muito a oferecer ao mundo e à Igreja. A presença feminina na vida eclesial é vista como um novo caminho para a Igreja, que se fundamenta na equidade e no anúncio do Evangelho.

Salientamos que não será possível contemplar todos os âmbitos do Pontificado de Francisco porque, em primeiro lugar, este magistério não chegou ao seu fim e, segundo, é que o Bispo de Roma continua promovendo espaços a fim de que atuação das mulheres no contexto eclesial seja cada vez mais presente, para assegurar uma “Igreja em saída” (EG 46), onde todos e todas sejam envolvidos na missão evangelizadora.

3.1 A presença das mulheres bíblicas, na perspectiva do Papa Francisco

Muito se esperou para que um personagem de notoriedade como o atual Papa, se posicionasse em demonstrar a importância e relevância da mulher, desde a antiguidade até os

tempos que vivemos. Sobre esse tema, Fiorenza nos apresenta a mulher no Novo Testamento, em que “ela é protagonista na missão de Cristo, seja na missionariedade, seja na história” (Cf. FIORENZA, 1992, p.52).

Desde o início do Pontificado do Papa Francisco, em 13 de março de 2013, o mundo conheceu a figura de um homem argentino, simples e humilde que, desde suas primeiras palavras e gestos, demonstrou ser uma pessoa acessível, sensível, orante e servo. A postura assumida por este Papa foi sempre colocar-se com humildade a serviço da Igreja.

Notamos que os anseios do Bispo de Roma é estabelecer uma Igreja movida pela alegria do Evangelho, da missionariedade, atenta, sensível aos clamores da realidade, promotora da cultura do encontro, da sinodalidade, da equidade, da colegialidade e da corresponsabilidade na evangelização. Conforme Estêvão Raschiatti,

A sinodalidade aponta para um “caminhar juntos” no seguimento-missão de Jesus pelas estradas do mundo, porque é nesse caminho que se faz verdadeira comunhão. E nós como discípulos missionários sem-fronteiras, nos juntamos também ao caminhar de muitas outras pessoas de boa vontade, para tornarmos todos juntos, homens e mulheres livres, que promovem a justiça e a paz, a serviço da vida e da esperança, a caminho do Reino definitivo (RASCHIETTI, 2022, p. 24).

Com o espírito de abertura e diálogo, o Papa Francisco, dentre tantas outras demandas como a preocupação com os imigrantes, a paz pelo mundo e tantas outras questões urgentes no contexto atual, ele também demonstra uma inquietação com a invisibilidade do protagonismo feminino na Igreja. Nesta perspectiva, procura ressaltar a presença das mulheres na vida eclesial.

Diante desta sensibilidade, o Sumo Pontífice procura em seus discursos, catequese, homilias, entre outros pronunciamentos, evidenciar: “a Igreja é feminina porque é “igreja”, “esposa”: é feminina e é mãe, dá à luz”. Portanto, é “esposa e mãe” (PAPA FRANCISCO, 2018, online).

No capítulo anterior, refletíamos sobre a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* lançada em 2015. O Pontífice apontou a urgente necessidade de refletir sobre a participação das mulheres na vida eclesial:

...é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque “o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho” e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais. (EG, 103).

No despertar sobre a importância da presença feminina na Igreja, o Papa Francisco evidencia a necessidade de as mulheres assumirem também a vocação de batizadas. Pois, a

presença feminina no contexto eclesiológico já vinha sendo discutida anteriormente em outros pontificados. Notamos que desde o Papa Pio X até o Papa Francisco, as mulheres são mencionadas na história da Igreja, com mais ênfase, porém, pelo Papa Francisco.

O Pontífice, em uma das suas meditações matutinas, refletiu sobre a ação de Deus presente na criação do homem e da mulher e ressaltou: “Para entender uma mulher antes é necessário sonhá-la”: eis por que a mulher é “o grande dom de Deus”, capaz de “trazer harmonia à criação” (PAPA FRANCISCO, 2017, online). Ele proporciona a Igreja ter uma visão de que a mulher é esse elo de harmonia na criação do universo. Deus foi sábio em criar o homem e a mulher, pois os dois, em comunhão, podem construir laços de amor e igualdade no mundo.

Na narração do Livro de Gênesis (2,18-25), o Santo Padre salienta a importância da mulher na história da humanidade: “A mulher “é algo diferente, é algo que traz uma riqueza que o homem, toda a criação e todos os animais não têm.” (PAPA FRANCISCO, 2017, online). E continua:

E “a mulher vem assim coroar a criação, mais ainda: traz harmonia à criação”. Por conseguinte, “quando não há a mulher, falta a harmonia”. Também “nós dizemos, falando: esta é uma sociedade com uma forte atitude masculina. Falta a mulher”. E talvez afirmemos inclusive que “a mulher serve para lavar os pratos, para fazer...”. Ao contrário, “não: a mulher serve para trazer harmonia; sem a mulher não há harmonia”. O homem e a mulher “não são iguais, um não é superior ao outro, não. É simplesmente que o homem não traz harmonia: é ela que traz aquela harmonia que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bonita”. (FRANCISCO, 2017, online).

A Mulher na história da humanidade, na sociedade e na vida eclesial é sinal de harmonia, de ligação, de confiança para construção de laços que colaboram para um mundo mais justo para todos.

Em seu Pontificado, Francisco resgata o protagonismo feminino presente na Sagrada Escritura através da figura de Maria Madalena que, segundo o Evangelho de João, é a primeira mulher a testemunhar a ressurreição de Jesus, de ver e anunciar: “*Vi o Senhor.*” (cf. Jo 20,1-18) e tornar-se anunciadora da ressurreição.

Em 03 de junho de 2016, o Papa instituiu a festa litúrgica de Maria Madalena, coincidindo com o Jubileu da Misericórdia. Neste momento histórico, ele enfatiza a importância do anúncio feito pelas mulheres até os tempos atuais e, neste sentido apresenta-a como “Apóstola dos apóstolos” e destaca: “Esta decisão insere-se no contexto eclesial atual, que exige uma reflexão mais profunda sobre a dignidade da mulher, a nova Evangelização e a grandeza do mistério da Misericórdia Divina” (PAPA FRANCISCO, 2016, online).

Ao destacar “Apóstola Maria Madalena”, o Pontífice concede uma nova visão a esta mulher na história da Igreja que, por muitos anos, foi visualizada somente como a pecadora, a prostituta e

não como uma mulher protagonista do anúncio da ressurreição. Diante deste contexto, inúmeros autores trouxeram outras reflexões em torno da presença feminina na Evangelização. Assim nos afirma Deifelt:

... em 591, o Papa Gregório caracterizou Maria Madalena como uma prostituta arrependida, ele dava início a um boato que passou a ser aceito como verdade. Acusar alguém de uma falha moral (neste caso, sexual) deslegitima qualquer autoridade e liderança que Maria Madalena pudesse ter tido. Ao invés de ser lembrada como uma apóstola, ela é reduzida a uma pecadora arrependida. Dentro de um sistema eclesiástico hierárquico e predominantemente masculino, é mais fácil (e vantajoso) lidar com uma Maria Madalena humilhada e contrita do que com uma Maria Madalena que é apóstola. (DEIFELT, 2016, p. 25)

Na conjuntura do patriarcalismo e do clericalismo, Maria Madalena foi marcada por uma imagem preconceituosa em relação à mulher, afetando, de certa forma, o protagonismo feminino na caminhada eclesial. No entanto, com a iniciativa do Papa Francisco em relação a apóstola, acendem-se novas luzes e abrem-se novos caminhos de reflexões sobre a presença feminina na Igreja. José Cristiano Bento dos Santos nos aponta:

A justa iniciativa do Papa Francisco de elevar Maria Madalena ao status de apóstola é uma leitura sensível e coerente do papel dessa personagem, registrado pelo Evangelho. É uma atitude histórica de reconhecimento da figura de Madalena, não como prostituta, mas como parte integral e fundamental da comunidade dos discípulos de Jesus e protótipo de libertação para os coletivos femininos, que estão dentro e fora da Igreja Católica. (DOS SANTOS, 2019, online).

O Santo Padre, ao conhecer as limitações e a dificuldade de abertura no interior da Igreja, entendeu que era necessário resgatar a história e propor caminhos de mudanças. Por isso, afirma: “a Igreja é feminina, é esposa, é mãe”, “a Igreja é mulher” (PAPA FRANCISCO, 2018). Ele cria um novo modo de pensar à Igreja.

A imagem da Igreja é apresentada, na Sagrada Escritura, como a noiva, a esposa de Cristo, a mulher, conforme o Livro do Apocalipse (Ap 19, 7; 21, 2.9;22, 17). Podemos trazer presente a mentalidade de que a Igreja, em sua essência, é companheira e deve ser amada.

O Bispo de Roma resgata o sentido materno da Igreja e o modo prático na ação evangelizadora: “Uma Igreja sem as mulheres é como o Colégio Apostólico sem Maria”. “Gosto também de pensar que a Igreja não é o Igreja, é a Igreja. A Igreja é feminina, é mãe” e devemos “aprofundar a nossa compreensão disso”. (PAPA FRANCISCO, 2018, online).

Ainda na perspectiva bíblica, o Papa ressalta outra mulher importante no Novo Testamento, Maria, mãe do Salvador. Destaca-a como modelo de serva, de mãe, de discípula fiel em fazer a vontade de Deus, ressaltando a essência feminina na vida da Igreja. Aponta-nos o Pontífice:

A Igreja é “mulher” — relançou o Papa — e quando pensamos no papel da mulher na Igreja devemos remontar a esta fonte: Maria, mãe». E «a Igreja é “mulher” porque é mãe, pois é capaz de “dar à luz filhos”: a sua alma é feminina porque é mãe, é capaz de gerar atitudes de fecundidade. (FRANCISCO, 2018, online).

O teólogo BOFF destaca que “o feminino revela Deus e que, por conseguinte, Deus se revela no feminino” (BOFF, 1979, p. 29). Neste sentido, observamos que Maria é a imagem mais referenciada pelo Papa Francisco, pois ele a aproxima da Igreja e da humanidade, e assim afirma:

A nossa esperança: nós não somos órfãos, temos mães”: em primeiro lugar Maria. E depois a Igreja, que é mãe «quando percorre o mesmo caminho de Jesus e Maria: o caminho da obediência, do sofrimento, e quando assume a atitude de aprender constantemente o caminho do Senhor”. – “Estas duas mulheres — Maria e a Igreja — levam em frente a esperança que é Cristo, doam-nos Cristo, geram Cristo em nós”, reafirmou o bispo de Roma. Assim “sem Maria, não teria existido Jesus Cristo; sem a Igreja, não podemos ir em frente”. São “duas mulheres e duas mães (FRANCISCO, 2014, online).

Nesta relação filial da Igreja com os fiéis é despertada a ternura, o acolhimento dos cristãos nas diversas atividades eclesiais. Logo, em todas as festas dedicadas a Maria, o Pontífice exorta os cristãos para melhor a conhecerem: “... podemos olhar para Nossa Senhora, pequena, santa, sem pecado, pura, escolhida para se tornar a mãe de Deus, e olhar para esta história passada, tão longa, de séculos” (PAPA FRANCISCO, 2014, online). É necessário conhecê-la para amá-la.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, nos números (284-288), Maria é referenciada como “estrela da nova evangelização” e “Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização” (EG, 284). A importância que o Pontífice demonstra a Maria é motivo para uma grande motivação na caminhada da Igreja. Assim afirma: “Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé.” (EG, 287). Sendo Maria a nossa guia, realizamos, então o seu pedido: “Fazei tudo o que Ele vos disser.” (Jo 2,4).

O Papa visibiliza o papel das mulheres na vida eclesial e as reconhece nas práticas pastorais, assim como as figuras bíblicas de Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus.

Neste itinerário, percebemos que o Papa Francisco vai agregando elementos para uma renovação eclesial e, assim, a Igreja vai se permitindo abrir-se para trilhar novos caminhos. Diante

disso, o protagonismo feminino tem, de fato, espaço na vida eclesial. A Igreja é o único corpo com inúmeros membros, onde todos e todas são peças fundamentais na construção do Reino.

3.2 A relevância feminina no Magistério do Papa Francisco.

Em dez anos de Pontificado, o Papa Francisco escreveu seis Exortações Apostólicas: Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, em 24 de novembro de 2013; *Amoris laetitia*: pós-Sinodal, sobre o amor na família, em 19 de março de 2016; *A Gaudete et exultate*: sobre o chamado à santidade, em 19 de março de 2018; "*Christus vivit*": pós-sinodal, aos Jovens e a todo o Povo de Deus, em 25 de março de 2019; "Querida Amazônia": pós-sinodal, ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, em 2 de fevereiro de 2020; e Três Cartas Encíclicas: *Lumen fidei*, em 29 de junho de 2013; *Laudato si'*- Louvado sejas, em 24 de maio de 2015 e *Fratelli tutti* – Todos irmãos, em 3 de outubro de 2020.

Nestes documentos, refletiremos, de maneira específica, sobre a participação das mulheres, como o Papa Francisco as mencionam, assim como a percepção na atuação direta delas na Igreja. Sabemos que nem todos os documentos fazem referências a elas, pois apresentam outros assuntos específicos e urgentes no contexto eclesial.

Em 2013, o Bispo de Roma escreveu dois documentos: A Carta Encíclica *Lumen Fidei*, sobre a luz da fé. Este documento foi iniciado pelo Papa Bento XVI no Ano da Fé, e ressaltou, em suas encíclicas, as virtudes teológicas. Devido a sua renúncia, não conseguiu finalizá-lo. Porém, o Papa Francisco fez algumas contribuições no texto e assinou-o em junho de 2013.

A Carta Encíclica *Lumen Fidei* contém quatro capítulos em torno do tema central, a luz da fé vivenciada por todos e todas. A carta em si não salienta, de forma específica, a figura das mulheres, pois o Pontífice direciona a sua mensagem para todos os cristãos. Contudo, no final do documento, destaca-se a figura de Maria: "A Mãe do Senhor é o ícone perfeito da fé... (LF, 59)". Assim, o Papa Francisco faz referência a essa mulher que é a Mãe da Igreja e portadora da luz da fé.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é o segundo documento do Santo Padre à Igreja. Porém, nesta pesquisa, já abordamos e enfatizamos a participação das mulheres e quais os passos a serem assumidos para uma renovação eclesial, conforme este documento.

O terceiro documento é a Carta Encíclica *Laudato si'* - Louvado sejas, que resalta a urgência sobre o cuidado da casa comum. Essa carta é de caráter social, endereçada a toda

humanidade. Em seus 246 parágrafos e seis capítulos, o Pontífice utiliza o método do ver-julgar e agir, entrando em diálogo com todas as classes sociais e organizações mundiais.

O Pontífice é pedagógico e jesuítico quando faz suas reflexões sobre a casa comum e discerne as ações transformadoras para a realidade. No método do ver, destaca-se quais são as ameaças que estão ocorrendo nesta casa comum. No julgar, aborda-se o Evangelho da Criação e a raiz da crise ecológica que evidencia a interligação de todo o universo. No agir, busca caminho de discernimento e delinea linhas de ações de como promover uma ecologia integral.

Como a Encíclica traz uma mensagem social que inclui todos e todas no processo do cuidado com a Casa Comum, acreditamos que as mulheres já foram contempladas como parte desta missão, pois são educadoras e mães que assumem um papel fundamental nesta transformação. O Papa acredita que, através da educação e da espiritualidade ecológica, é possível despertar pessoas responsáveis no cuidado e preservação da vida no planeta.

O quarto documento é Exortação Apostólica *Amoris laetitia* - A alegria do amor: Pós-Sinodal, fala sobre o amor na família, contém 325 parágrafos e é dividido em nove capítulos que exortam toda a Igreja a olhar para as famílias, desde a preparação dos noivos até vivência do matrimônio.

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* é um documento significativo neste Pontificado, porque é apresentado no contexto do Ano Jubilar da Misericórdia, que iniciou em 08 de dezembro de 2015 e foi até 20 de novembro de 2016. O Papa procura destacar, de modo particular, a família cristã, ressaltando a importância de viver o sacramento do matrimônio, os valores familiares, a fidelidade ao seguimento de Cristo e a vida como Igreja.

O Bispo de Roma elabora inúmeras diretrizes para Igreja conduzir a vida matrimonial das famílias. A Exortação também aponta os desafios dos quais as famílias vivem a realidade deste mundo. Diante deste contexto, o mesmo traz linhas de ações para as pastorais específicas que estão diretamente ligadas à evangelização das famílias, ressaltando a importância da espiritualidade na vida do casal.

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* contém uma linguagem acessível e sensível às realidades que vivemos. Podemos ressaltar outro fato importante: a utilização dos termos homem e mulher, destacando as responsabilidades que os dois devem assumir na vida matrimonial. O homem não é mais do que a mulher! Os dois são corresponsáveis na construção da vida matrimonial, como afirma o Pontífice:

Ambos, homem e mulher, pai e mãe, são «cooperadores do amor de Deus criador e como que os seus intérpretes». [189] Mostram aos seus filhos o rosto materno e o rosto paterno

do Senhor. Além disso, é junto que eles ensinam o valor da reciprocidade, do encontro entre seres diferentes, onde cada um contribui com a sua própria identidade e sabe também receber do outro. Se, por alguma razão inevitável, falta um dos dois, é importante procurar alguma maneira de o compensar, para favorecer o adequado amadurecimento do filho (AL, 172).

Em relação às mulheres, o Papa as evidencia tanto no contexto familiar como no da sociedade, e expõe os desafios da violência e a responsabilidade de cuidar dos filhos e filhas sozinhas, porque se deparam com a ausência da figura paterna. Em relação aos seus corpos, existe “a instrumentalização e comercialização do corpo feminino na cultura mediática contemporânea” (AL, 54). Há também o enfrentamento do feminicídio, problema gerado por conta do machismo ainda presente na sociedade. Dentre esses e outros desafios, a imagem feminina torna-se obscurecida. Em relação à dignidade da mulher, por inúmeras vezes é evidenciada somente a sua vocação de mãe e esposa, e não é destaca como uma corresponsável de transformação na sociedade e na vida eclesial.

Sabemos que o objetivo central da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, é ressaltar a importância do amor familiar em todos os âmbitos na sociedade e na vida eclesial. O Pontífice exorta-nos várias vezes sobre a necessidade de a Igreja acompanhar as famílias e encorajá-las a vivenciar a alegria e o amor. Assim o Papa ressalta: “a comunidade local e os pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude, sobretudo quando há filhos ou é grave a sua situação de pobreza” (AL, 242).

O quinto documento é a Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate* - Alegrai-vos e exultai (Mt 5,12). O Santo Padre estimula a Igreja a viver a santidade no mundo atual, afirmando que “A santidade é o rosto mais belo da Igreja” (GE, 9). O documento contém 176 parágrafos e cinco capítulos e convida a humanidade a contemplar o caminho que nos conduz a Deus.

Neste documento, o Papa Francisco ressalta que o “gênio feminino” (GE,12) está presente na história da Igreja, assumindo o caminho da santidade:

“A propósito de tais formas distintas, quero assinalar que também o «gênio feminino» se manifesta em estilos femininos de santidade, indispensáveis para refletir a santidade de Deus neste mundo. E precisamente em períodos nos quais as mulheres estiveram mais excluídas, o Espírito Santo suscitou santas, cujo fascínio provocou novos dinamismos espirituais e reformas importantes na Igreja. Podemos citar Santa Hildegarda de Bingen, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, Santa Teresa de Ávila ou Santa Teresa de Lisieux; mas interessa-me sobretudo lembrar tantas mulheres desconhecidas ou esquecidas que sustentaram e transformaram, cada uma a seu modo, famílias e comunidades com a força do seu testemunho.” (GE, 12).

Nota-se que o Pontífice destaca a ação do Espírito Santo e faz referência às atitudes e persistências das mulheres frente à repressão e exclusão. Neste contexto, ele expõe nomes e proporciona abertura ao Espírito de Deus, destacando o protagonismo que elas deixaram na história da Igreja.

O sexto documento é fruto da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que teve como tema principal: os jovens, a fé e o discernimento vocacional; ocorreu nos dias 03 a 28 de outubro de 2018. Após o documento final, o Papa Francisco escreveu a Exortação Apostólica *Christus vivit* - Cristo vive, que é endereçada aos jovens e todo povo de Deus. Este documento foi finalizado no dia 25 de março de 2019.

A Exortação Apostólica *Christus vivit* contém 299 parágrafos e nove capítulos e aborda temas como: a Palavra de Deus, a Juventude de Jesus Cristo, o sentido de pertença de Deus, a proclamação do amor de Deus pela juventude, os caminhos trilhados pela juventude, os jovens como raízes, a importância da Pastoral dos jovens, a vocação e o discernimento vocacional. Nesta Exortação, não há ênfase direta às mulheres, pois o tema central são os jovens. No entanto, elas são inseridas neste documento quando a mensagem é para todo o povo de Deus.

O sétimo documento é a Exortação Apostólica Pós-Sinodal e é chamada de Querida Amazônia; foi concluída em 02 de fevereiro de 2020, em Roma, na Festa da Apresentação do Senhor; contém 111 parágrafos e quatro capítulos. Na conclusão do documento, o Papa Francisco dá um destaque a Mãe Maria com a oração a Mãe da Amazônia.

Essa Exortação é de caráter social e aborda temas relacionados a atual situação na Amazônia, é fruto de um Sínodo. O Bispo de Roma expõe suas preocupações, caminhos para o discernimento em relação ao tema central e, no agir, ele nos apresenta possibilidades nomeando-as como sonhos: Sonho Social, Sonho Cultural, Sonho Ecológico e o Sonho Eclesial. Estes sonhos trazem a realidade e soluções para mudanças. O Santo Padre provoca-nos a ampliar os horizontes e termos consciência do cuidado com a Casa Comum.

Dentre todos estes sonhos, iremos aprofundar o Sonho Eclesial, que nos traz apontamentos sobre a participação das mulheres, especificamente na realidade amazônica.

O Sumo Pontífice expõe, em cinco números da Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia, a sua percepção em relação às mulheres e destaca o seu protagonismo na evangelização, nas atividades pastorais que ocorreram durante séculos na realidade da Amazônia. Diante deste contexto, o Papa as reconhece e convoca a Igreja a viver o processo de saída:

Convida-nos a alargar o horizonte para evitar reduzir a nossa compreensão da Igreja a meras estruturas funcionais. Este reducionismo levar-nos-ia a pensar que só se daria às

mulheres um status e uma participação maior na Igreja se lhes fosse concedido acesso à Ordem sacra. Mas, na realidade, este horizonte limitaria as perspectivas, levar-nos-ia a clericalizar as mulheres, diminuiria o grande valor do que elas já deram e subtilmente causaria um empobrecimento da sua contribuição indispensável (QA, 100).

O Pontífice anseia para que as mulheres tenham espaço e voz ativa na vida eclesial sem que haja a necessidade de clericalizá-las. Temos como grande exemplo a pessoa de Jesus Cristo, que se manifestou no mundo através de um ventre materno e “o Senhor quis manifestar o seu poder e o seu amor através de dois rostos humanos: o de seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria (QA, 101)”. Diante deste fato, ele enfatiza o protagonismo das mulheres:

“As mulheres prestam à Igreja a sua contribuição segundo o modo que lhes é próprio e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe. Deste modo não nos limitamos a uma impositação funcional, mas entramos na estrutura íntima da Igreja. Assim compreendemos radicalmente por que, sem as mulheres, ela se desmorona como teriam caído aos pedaços muitas comunidades da Amazônia se não estivessem lá às mulheres, sustentando-as, conservando-as e cuidando delas. Isto mostra qual é o seu poder característico. (QA, 101)

O Bispo de Roma, ao destacar o poder característico das mulheres na vida eclesial da Amazônia, propõe um caminho de transformação na Igreja, pois, ao notar a importância do protagonismo feminino, dá-se espaço para refletir sobre a visibilidade do carisma feminino e quais são suas respostas em relação às dificuldades encontradas na evangelização que a vida eclesial passa atualmente. De acordo com Marta Barral Nieto:

O papel da mulher é a grande questão pendente na vida e missão da Igreja. Alguns passos foram dados a nível institucional, o Papa Francisco tem nomeado mulheres para cargos de responsabilidade na Igreja; também no sínodo da Amazônia participaram 35 mulheres [2 convidadas especiais, 4 especialistas (das quais 2 leigas e 2 religiosas) e 29 auditoras (das quais 18 freiras e 11 leigas) , mesmo que nenhuma teve direito a voto, foi o 87 maior número, que nunca tinha tido em uma reunião de bispos e a primeira vez que foram designadas mulheres consultoras para a secretaria geral de um sínodo; e para o Sínodo de 2023, 10 mulheres foram nomeadas para as três comissões preparatórias e sabe-se que uma mulher, a religiosa Nathalie Becquart, coordenadora da comissão de metodologia e subsecretária do sínodo, terá direito a voto (NIETO, 2022, p. 86-87).

O Sumo Pontífice, ao propor que as mulheres sejam ativas e participativas nas decisões importantes em relação à ação evangelizadora da Igreja, sem perder o que é próprio do feminino, gera inúmeras considerações, às quais as autoridades da Igreja necessitam permitir e agir de forma diferente, pois, em uma realidade como na Amazônia, isso faz-se urgente. Assim, o Pontífice ressalta:

Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de fato realizam um papel central nas comunidades amazônicas, deveriam poder ter acesso às funções e inclusive serviços eclesiais que não

requeiram a Ordem sacra e permitam expressar melhor o seu lugar próprio. Convém recordar que tais serviços implicam uma estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do bispo. Daqui resulta também que as mulheres tenham uma incidência real e efetiva na organização, nas decisões mais importantes e na guia das comunidades, mas sem deixar de o fazer no estilo próprio do seu perfil feminino (QA,103).

Mesmo diante da urgência em conceder espaço para que as mulheres tenham lugar para participarem das decisões importantes na vida eclesial com voz ativa, é incabível para alguns. A trajetória de invisibilidade da mulher na caminhada eclesial é algo milenar, na concepção hierárquica da Igreja atual, isto é algo totalmente utópico.

Para solucionar esta realidade, o Papa Francisco necessitará ampliar debates em relação às mulheres e a Igreja, para que tenha uma base sólida e, assim, abrir espaços para se pensar uma nova evangelização na vivência da sinodalidade.

Nessa perspectiva de transformações, o oitavo documento do Pontificado do Papa Francisco é a Carta Encíclica *Fratelli Tutti* – Todos irmãos, que aborda sobre a fraternidade e amizade social; contém 287 parágrafos, divididos em oito capítulos e foi finalizada em 03 de outubro de 2020, em Assis, às vésperas da Festa Litúrgica de São Francisco de Assis.

O Papa, em seus documentos, procura promover a convergência de saberes, unindo os saberes do Oriente e do Ocidente. Essa Carta Encíclica aborda temas sociais em uma linguagem abrangente e acessível, que caminha em duas dimensões: a fraternidade humana e a amizade social, que nos faz perceber como irmãos e irmãs.

Com um caráter social, a *Fratelli Tutti* ressalta o cuidado com a Casa Comum e, de maneira especial, com o ser humano. O Papa Francisco deseja resgatar a fraternidade na humanidade, para que possamos nos olhares como irmãos e não como inimigos. Para isso, é necessário caminhar na unidade e, assim, construir uma fraternidade humanitária.

Neste documento, não há destaque sobre as mulheres de forma clara, pois este tem um olhar abrangente, que engloba todos os desafios da sociedade atual. No entanto, elas estão incluídas quando se ressalta a necessidade de perceber os excluídos, os empobrecidos, os marginalizados e, quando elenca a dignidade, aparece evidências sobre as mulheres:

“De modo análogo, a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra. Com efeito, «duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos”.” (FT 23).

Essa Encíclica recebeu inúmeras críticas em relação à nomenclatura a qual foi intitulada, pelo fato de expor um novo caminho para toda a humanidade. Isso não será algo fácil nesta sociedade, porém, notamos que o Papa Francisco propõe um caminho de reflexão, para que, juntos, possamos construir um novo mundo de fraternidade e amizade social.

3.3 As ações concretas do Papa Francisco em relação ao protagonismo das mulheres na Igreja

No período do Pontificado de Francisco, notamos que ele procurou estabelecer metas diante das urgências nas demandas e manifestações da sociedade, nos últimos tempos. Mas, sempre fundamentou suas ações com base no Magistério da Igreja, na Sagrada Escritura e nas ações de seus antecessores.

Francisco é o papa da sinodalidade e, em relação ao protagonismo das mulheres na Igreja, ele faz uma abordagem mais incisiva, pois, em outros pontificados, a questão sobre o feminino na vida eclesial era ressaltada em torno da sua vocação e da maternidade, dentre outros temas. O Papa Francisco, no entanto, busca caminhos de transformação e maneiras para que a participação das mulheres na Igreja seja de fato algo presente e visível. Segundo Gudrum Salier:

Historicamente, a nomeação de especialistas mulheres para altos cargos na Cúria começou com Paulo VI. Durante o seu pontificado, a australiana Rosemarie Goldie trabalhou no Pontifício Conselho para os Leigos - de 1967 a 1976 - como uma das duas vice-secretárias. Em 2004, João Paulo II nomeou uma nova subsecretária: Irmã Enrica Rosanna para a Congregação para a Vida Consagrada. Com o Papa Francisco, as nomeações de mulheres para cargos de liderança se multiplicaram, embora menos de 5% de todas as funções diretivas na Cúria sejam atualmente confiadas a mulheres e, por enquanto, não há nenhuma prefeita como "número um" de uma autoridade da Cúria (SALIER, 2023, online).

Notamos que o Pontífice, em relação à presença feminina na vida eclesial, aplica o método ver, julga e agir. Nos primeiros anos do seu Magistério, ele vê as diversas realidades em que as mulheres se fazem presentes, tanto na sociedade como na vida eclesial e, em seus discursos, mensagens e pronunciamentos que enfatizam essa presença. Ao julgar os lugares onde elas estão presentes, faz com que a Igreja possa abrir espaços para acolhê-las e exige que elas sejam notadas como corresponsáveis na missão. Nesses últimos anos, evidenciamos que o Pontífice oferece espaço, de fato, para as mulheres, tanto na Cidade do Vaticano como na Igreja. De acordo com Gudrum Salier,

O Papa conta atualmente com 1.165 funcionárias em relação a 846 no início do seu pontificado em 2013. O percentual de mulheres que trabalham no Vaticano aumentou nos últimos 10 anos de cerca de 19,2% para 23,4%. São dados gerais referentes tanto à Santa Sé quanto ao Estado da Cidade do Vaticano. O aumento no número de mulheres empregadas é ainda mais saliente se olharmos exclusivamente para a Santa Sé, ou seja, para a Cúria Romana. Aqui, o percentual de mulheres aumentou de 19,3% para 26,1% nos últimos 10 anos. Isso significa que, hoje, mais de um em cada quatro empregados da Santa Sé é uma mulher - em números absolutos: 812 de 3.114 funcionários. (SALIER, 2023, online).

O Bispo de Roma é o primeiro Papa a colocar as mulheres como membro dos organismos da Cúria Romana. Podemos ressaltar que ele é constante em criar pontes que possibilitam ações concretas na vida eclesial. Assim, pela primeira vez na história da Igreja, o Pontífice nomeia uma mulher para um dos cargos importantes dentro do Vaticano. Em 2016, a leiga Barbara Jatta, como diretora geral dos Museus do Vaticano e, em 2021, nomeou a religiosa Ir. Rafaella Petrini, para a Secretária-Geral do Governatorato do Vaticano. Anteriormente, essa função era concedida somente para clérigos. As pesquisas apontam que,

Francisco foi o primeiro Papa a nomear mulheres como membros dos organismos da Cúria, uma decisão que merece ser mais destacada. Até então, apenas cardeais e alguns bispos haviam sido membros das congregações da Santa Sé. Os membros - como prefeitos e secretários - têm o direito de votar nas assembleias plenárias. (SALIER, 2023, online).

O agir do Papa Francisco é com discernimento, pois ao notar os ambientes onde possa favorecer a presença feminina, ele procura meios e articula maneiras para assim concretizar suas ações.

Segundo Vatican News, em 2017, o Pontífice contemplou a presença de duas leigas e mães no “Dicastério para os Leigos, Família e a Vida. Elas são Gabriella Gambino e Linda Ghisoni” (VATICAN NEWS, 2017). Podemos afirmar que este fato é inédito na cidade do Vaticano.

Em 2019, com as reflexões sobre o Sínodo Amazônico, o Bispo de Roma nomeia a presença significativa de duas mulheres como parte da equipe: “Irmã Laura Vicuña Pereira Manso, C.F, agente pastoral junto ao povo Karipuna, no Brasil; a Sra. Patrícia Gualinga, líder indígena na defesa dos direitos humanos das comunidades Kichwa de Sarayaku, no Equador (VATICAN NEWS, 2019)”.

Ainda em 2019, no Dicastério das Comunicações do Vaticano, o Papa Francisco contemplou a presença feminina com a nomeação da brasileira Cristiane Murray, como vice-diretora da Sala de Imprensa da Santa Sé e da eslovena Natasa Govekar como chefe do Departamento Teológico-Pastoral. Duas posições importantes dentro da Cidade do Vaticano.

Em janeiro de 2020, em pleno contexto de pandemia, o Pontífice dá um passo em relação à presença feminina e nomeia a leiga “Francesca Di Giovanni, oficial da Secretaria de Estado, como nova Subsecretária da Seção para as Relações com os Estados, responsabilizando-a pelo Setor Multilateral.” (VATICAN NEWS, 2020)”.

No ano 2021, o Bispo de Roma nomeou inúmeras mulheres para diferentes frentes de ações na Igreja. Em 10 de janeiro deste ano, ele apresenta à Igreja uma Carta Apostólica no formato de *Motu proprio* “*Spiritus Domini*, modificando o cânon 230 § 1, do Código do Direito Canônico, a respeito da presença feminina no Ministério Instituído do Leitorato e do Acolitado. O Papa Francisco afirma:

Aceitando estas recomendações, nestes últimos anos alcançou-se um desenvolvimento doutrinal que evidenciou como determinados ministérios instituídos pela Igreja têm como fundamento a condição comum de batizado e o sacerdócio real recebido no Sacramento do Batismo; eles são essencialmente distintos do ministério ordenado, recebido com o Sacramento da Ordem. Com efeito, também uma prática consolidada na Igreja latina confirmou que tais ministérios laicais, baseando-se no Sacramento do Batismo, podem ser confiados a todos os fiéis que forem idôneos, de sexo masculino ou feminino, de acordo com quanto já é implicitamente previsto pelo cânone 230 § 2. Por conseguinte, depois de ter ouvido o parecer dos Dicastérios competentes, decidi prover à modificação do cânone 230 § 1 do Código de Direito Canônico. Portanto, disponho que no futuro o cânone 230 § 1 do Código de Direito Canônico seja assim redigido: «Os leigos que tiverem a idade e as aptidões determinadas com decreto pela Conferência Episcopal, podem ser assumidos estavelmente, mediante o rito litúrgico estabelecido, nos ministérios de leitores e de acólitos; no entanto, tal concessão não lhes atribui o direito ao sustento ou à remuneração por parte da Igreja». Disponho do mesmo modo a modificação das outras disposições, corroboradas pela lei, que se referem a este cânone. (FRANCISCO, 2021, online).

Ao proclamar essa Carta Apostólica, o Papa Francisco estimula a presença feminina, bem como todos os leigos que, de fato, assumam o seu Batismo nas ações da vida eclesial. Acreditamos que, agora, o Pontífice irá colocar em prática todas as reflexões realizadas em anos anteriores sobre o lugar da mulher na Igreja. Ele continua dando passos significativos em relação à presença feminina. Em fevereiro, na Subsecretaria do Sínodo dos Bispos, pela primeira vez, nomeou uma mulher, a religiosa Ir. Nathalie Becquarl. E no mesmo mês, nomeou Ir. Margarita Bofarull Buñuel, docente de Teologia Moral, para fazer parte da equipe da Pontifícia Academia para a vida. Em março, nomeou para a Pontifícia Comissão Bíblica, a Irmã Nuria Caldulch-Benages, sendo a primeira mulher ocupar este cargo. E em junho, no Dicastério para o Desenvolvimento Humano, nomeou a religiosa Irmã Alessandra Smerilli, FMA, como secretária interina deste departamento. Em agosto, nomeou como membro ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, a Professora Emmanuelle Marie Charpentier.

Observamos que o ano 2021 foi o período em que o Sumo Pontífice mais concedeu espaço para o protagonismo feminino na Igreja e na cidade do Vaticano. Ele age com sabedoria e certeza de que está no caminho certo, para favorecer a Igreja em saída. Assim, ao conceder essa abertura para as mulheres, abre um novo caminho para ser Igreja.

No ano seguinte, o Papa Francisco continuou dando andamento às suas ações sobre a presença feminina na Igreja. No dia 13 de abril de 2022, fez a nomeação da Professora Emilce Cuda como parte da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, outro cargo significativo em que o Pontífice eleva uma mulher, referenciando, assim, a capacidade que as mulheres têm na sociedade. O Bispo de Roma não indicou as mulheres apenas para as atividades sociais, no dia 13 de julho de 2022, ele nomeou três mulheres ao Dicastério para os Bispos: as Irmãs Raffaella Petrini F.S.E., secretária geral do Governato do Estado da Cidade do Vaticano, e Yvonne Reungoat, F.M.A., ex-superiora geral das Filhas de Maria Auxiliadora; além da doutora Maria Lia Zervino, presidente da União Mundial de Organizações Femininas Católicas.

Notamos que o Papa Francisco está sempre em ação no que diz respeito às estruturas da Igreja, concedendo novas nomeações para as mulheres no ambiente eclesial. No dia 25 de novembro de 2022, foram nomeadas duas mulheres para a Cúpula Vaticana, as leigas Raffaella Guiliani, como secretária da Pontifícia Comissão de Arqueologia Sacra e Antonella Sciarrone Alibrandi, para subsecretária do Dicastério para a Cultura e Educação.

Diante das inúmeras transformações que o Sumo Pontífice promoveu na vida da Igreja, a jornalista Dulce Araújo, em uma das suas entrevistas à jornalista do Programa Alemão da Rádio Vaticano Gudrun Sailer, destaca:

“Eu creio que nestes nove anos de pontificado, o Papa Francisco fez com que houvesse mais mulheres, digamos, a todos os níveis, mas também em lugares de particular relevo, de responsabilidade. E isto vê-se sobretudo em relação a posições de Subsecretária em Dicastérios da Cúria Romana, ou seja, no terceiro nível de responsabilidade: em primeiro lugar está o Prefeito ou o Presidente; no segundo, o Secretário, e no terceiro o Subsecretário. Hoje, temos cinco mulheres em posição de Subsecretário e uma é Secretária de um Dicastério – a Irmã Alessandra Smerilli [salesiana] – Secretária do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Ninguém imaginava esta evolução. Quando recolhi estes dados, não tinha ainda presente a reforma da Cúria. E nela vemos que o Papa Francisco tem realmente a intenção de reforçar a visão feminina na Igreja, no sentido de que com base nessa reforma, a mulher pode ser mesmo o número um de qualquer Dicastério. Quer dizer, teoricamente, uma mulher pode vir a ser Prefeito.” (ARAÚJO, 2022, online).

Com as declarações de Dulce Araújo, é perceptível o protagonismo feminino em posições de destaque na caminhada da Igreja no século XXI, tornando-se, dessa forma, um momento histórico no ambiente eclesial.

Atualmente, a Igreja tem um Pontífice acessível e sensível aos clamores da realidade. Isto faz do Papa Francisco um ser diferenciado, especialmente nas questões relacionadas à participação das mulheres no contexto eclesial. Neste sentido, ele revela a Igreja para o povo! Recordamos este fato na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, quando afirma: “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho (EG, 114)”.

O Papa continua realizando audiências e encontros que tratam dos passos significativos que as mulheres estão realizando na sociedade e na Igreja. Em janeiro, ele recebeu participantes do Congresso “Mulheres que constroem uma cultura do encontro inter-religioso” que foi organizado pelo Dicastério para o Diálogo Inter-religioso. O Papa Francisco fez um destaque significativo em relação a presença feminina ao afirmar que, “Com efeito, a paz deve ser buscada envolvendo mais a mulher porque é ela quem oferece cura e vida ao mundo: é o caminho rumo à paz” (VATICAN NEWS, 2023).

Em 01 de abril, o Pontífice concedeu responsabilidades a uma mulher, com a nomeação da religiosa Ir. Helen Alford, como Chefe da Academia de Ciências Sociais. Dessa forma, percebemos que, aos poucos, as instituições vaticanas vão ganhando um toque feminino.

Em comunhão com a sinodalidade, o Papa Francisco, em 01 de junho, com um fato histórico, concede uma audiência com mulheres indígenas, provenientes da Amazônia: “Três mulheres indígenas, Patricia Gualinga e Ir. Laura Vicuña, vice-presidentas da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA) e Yesica Patiachi, vice-presidenta da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), (XISTO, CALDEIRA, 2023, online).”

O Sumo Pontífice concedeu às mulheres passos importantes nesse período de 10 anos de seu pontificado. Este foi o período em que mais se teve cargos de responsabilidade conferidos às mulheres nas instituições vaticanas e na vida eclesial, tornando-se um marco histórico na caminhada da Igreja Católica, Apostólica e Romana.

Podemos concluir este trabalho afirmando que o Papa Francisco em todo o seu Magistério foi ousado em reconhecer o protagonismo feminino na Igreja, acreditamos que esses passos dados em relação às mulheres, abriram novos caminhos e novas possibilidades, para que a Igreja continue expandir o anúncio do Evangelho com equidade.

Sabemos, que não podemos mais fechar as portas para a participação das mulheres, pois é notável que elas estejam cada vez mais presentes nos âmbitos, tanto eclesial como também social. E como afirmou o Pontífice: “As mulheres são protagonistas de uma Igreja em saída...” (PAPA

FRANCISCO, 2020, online). É acreditando em uma nova evangelização, uma Igreja em saída e vivida na sinodalidade, que a Igreja chegará até os confins da terra evangelizando.

CONCLUSÃO

Com o tema “A Participação das Mulheres na Ecclesiologia do Papa Francisco”, o presente trabalho procurou resaltar o percurso traçado ao longo dos séculos sobre a concepção de ser Igreja e quais foram os passos significativos que possibilitaram o envolvimento das mulheres na vida eclesial.

A pesquisa procurou compreender e fundamentar o termo "*Ekklesia*" na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição, e como esse termo foi se destacando e se firmando na Igreja historicamente.

A partir do Concílio Vaticano II, ressaltamos que este evento histórico marcou a abertura da Igreja para o comprometimento dos leigos em diversos âmbitos eclesiais, possibilitando a percepção do protagonismo dos mesmos na Igreja.

Vimos que o Papa João XXIII convocou a Igreja a viver um novo pentecoste, um processo de *aggiornamento*² na vida eclesial, para que se pudesse adequar ao contexto social de pós-guerra e de transformações na sociedade. Com isso, era necessária uma renovação pastoral em todos os âmbitos das práticas pastorais e espaços de reflexões teológicas.

Ao evidenciar quais foram as renovações que o Concílio Ecumênico Vaticano II trouxe para Igreja, a pesquisa deu seguimento no aprofundamento do seu objetivo, partindo do período das cinco Conferências Latino-americanas. Notamos que a Igreja teve avanços e limites em relação à participação das mulheres no contexto eclesial. Ficou evidente que, em cada contexto de época das Conferências, a Igreja não parou de refletir sobre as situações das mulheres.

Enfim, no primeiro capítulo, observamos a abertura e reconhecimento das mulheres na vida eclesial, proporcionada, principalmente, pelo Concílio Vaticano II e suas atuações nos compromissos sociais da Igreja Latino-Americana, e quais foram os resultados nos episcopados reunidos nas mais diferentes Conferências.

O segundo capítulo deste trabalho adentrou na compreensão da ecclesiologia do Papa Francisco, em relação à participação das mulheres na Igreja. Assim, analisou-se todos os documentos do Sumo Pontífice para, dessa forma, identificarmos qual o caminho trilhado para que a Igreja pudesse abrir-se e conceder espaços para o protagonismo das mulheres no ambiente eclesial.

²*Aggiornamento* foi a palavra utilizada por João XXIII para expressar as intenções do Concílio Vaticano II: “levar a Igreja católica a um processo de atualização que a colocasse em sintonia com as dores, angústias, alegrias e esperanças dos homens e mulheres de seu tempo (GS, 1)

Evidenciamos que os sinais da eclesiologia do Papa Francisco, presente na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, é um caminho de conversão pastoral, que busca viver em constante estado de missão e em diálogo com a sociedade contemporânea.

Em relação à participação das mulheres na vida eclesial, o Papa Francisco dá indícios de que é fundamental refletir sobre a atual caminhada da Igreja e buscar caminhar juntos, cultivando a sensibilidade, a escuta e a percepção mútua. A sinodalidade proposta pelo Pontífice é um meio para que todos, homens e mulheres, tenham suas vozes ativas e assim contribuam na construção do Reino de Deus.

Por fim, destacam-se quais foram as ações concretas do Papa Francisco para garantir a presença e o protagonismo feminino na vida eclesial, pois essa é uma preocupação desde o início de seu pontificado. Por isso que, nestes dez anos, o Papa escreveu diversos documentos. Embora nem todos abordassem especificamente a questão das mulheres, em alguns se refletem sobre a participação das mesmas em diferentes contextos na vida eclesial.

Conclui-se que o Bispo de Roma reconhece a importância do feminino na história, na sociedade e na vida eclesial, e apresenta à Igreja um processo de discernimento, que vê, analisa e procura formas de fazer as escolhas certas.

O Papa Francisco reconheceu a necessidade, propôs caminhos de mudanças na Igreja em relação à participação das mulheres; analisou a possibilidade de superar os desafios e ressaltou o protagonismo das mulheres na Igreja. Deixa claro que, dar voz às mulheres na vida eclesial, não significa torná-las participantes do clero, mas sim, conceder-lhes espaços de reserva e ativa participação nas decisões eclesiais.

Compreendeu-se que o Papa Francisco nomeou diversas mulheres, tanto religiosas como leigas para assumirem cargos nos Dicastérios, nos Subsecretários e nas diversas Comissões no Vaticano, ocorrendo, assim, um marco histórico. Pois, ao permitir às mulheres terem voz ativa e serem participantes nas decisões, acredita-se que ele, de fato, acredita que este seja o caminho para a Igreja viver a sinodalidade: todos juntos construindo uma Igreja Sinodal. É urgente a participação plena de todas as pessoas, independentemente de seu gênero. A Igreja precisa ser mais acolhedora e comprometida com a missão, pois estamos vivenciando tempos difíceis na evangelização, neste momento da história.

A Igreja Sinodal é uma Igreja do caminhar juntos, do construir juntos, o lugar onde todos podem ser mais irmãos e irmãs, sem que tenha diferenças de poderio ou hierarquia entre seus membros. Isso pode parecer utópico. Porém, o caminho para sairmos desta utopia é assumirmos o que o Papa Francisco nos propõe, desde os primeiros passos do seu pontificado: termos uma

renovação eclesial, uma nova evangelização, para assim, superarmos as urgências da Igreja do terceiro milênio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

Sagrada Escritura

BÍBLIA SAGRADA. A Bíblia de Jerusalém. Edição revista. São Paulo: Paulus, 2002.

Documentos do Magistério

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja. In Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 18^a.ed. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 37-118.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. 2018, N° 3. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Conclusões da Conferência de Puebla. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 27.1 a 13-2 de 1979. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. Conclusões da Conferência de Medellín, 1968. Texto oficial. Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-americano. Santo Domingo. Texto Oficial. Nova Evangelização Promoção Humana Cultural Cristã. Paulinas: São Paulo, 1992.

_____. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo: CNBB/Paulinas/Paulus, 2007.

FRANCISCO, PAPA. Carta apostólica sob a forma de Motu Proprio *Spiritus domini* sobre a modificação do cân. 230, § 1, do Código de Direito Canônico acerca do acesso das pessoas do sexo feminino ao ministério instituído do Leitorado e do Acolitado. Vatican. Roma, v. 10, 2021.

_____. Carta encíclica *Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e amizade social, n.23, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html acesso em: 09/01/2023

_____. Carta encíclica *Lumen Fidei*, 2013, disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html, acesso em: 05/01/2023

_____. Exortação apostólica *Gaudete et exsultate*, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html. Acesso em 05/01/2023

_____. Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris laetitia*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.

_____. Exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html.

_____. Exortação apostólica pós-sinodal. Querida Amazônia. Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Roma, 2 de fevereiro de 2020. São Paulo: Paulinas, 2020.

_____. Exortação apostólica. *Evangelii gaudium*. A alegria do Evangelho. Roma, 24 de novembro de 2013. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAULO VI, Papa. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Sobre a igreja no mundo atual. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

_____. Constituição conciliar *Sacrosanctum concilium* sobre a sagrada liturgia. disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html.

_____. Constituição dogmática *Dei verbum*. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html.

_____. Decreto *Apostolicam actuositatem* sobre o apostolado dos leigos. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html.

_____. Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html.

PIO XII, Papa. Carta *Ad ecclesiam*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/es/apost_letters/documents/hf_p-xii_apl_19550629_ad-ecclesiam-christi.html.

RASCHIETTI, Estêvão. Sinodalidade e missão. Cadernos do CEMLA, v. 9, p. 11.

Sites e Revistas Eletrônicas

CONRADO, Sérgio. Vida Pastoral. Revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral. Ano 61 – Nº 331. Janeiro-Feveireiro de 2020, p. 4. Disponível em https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2019/11/VP_331_Site-1.pdf.

DE LIMA, Elda Cassia. Maria Madalena: paradigma da missão das mulheres na Igreja. Estudos Bíblicos, v. 37, n. 143, p. 144-153, 2021. Disponível em <https://revista.abib.org.br/EB/issue/view/1>

DE SOUZA e DA SILVA. Disponível em:

https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1677/1359_

DEIFELT, Wanda. Protagonistas que resistem a um apagamento, Revista do Instituto Humanitas Unisinos Nº 489 | Ano XVI 18/07/2016 I S S N 1 9 8 1 - 8 7 6 9 (impresso) I S S N 1 9 8 1 - 8 7 9 3. Online, p.25 disponível em:

<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>. Acesso em: 04/01/2023

DIAS. Livro: Projeto de Francisco: Evangelização, Ecologia, Economia, Ecumenismo e Educação/ Dayvid da Silva, José Aguiar Nobre, São Paulo: Editora Recriar. 2022, p. 258.

DOS SANTOS, José Cristiano Bento. Maria Madalena, empoderamento do feminino na visão do Papa Francisco. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/591025-maria-madalena-empoderamento-do-feminino-na-visao-do-papa-francisco>, acesso em:04/01/2023

DOS SANTOS, online, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591025-maria-madalena-empoderamento-do-feminino-na-visao-do-papa-francisco>

FAGGIOLI, Massimo. Francisco: o primeiro Papa totalmente pós-Concílio. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/542430-francisco-o-primeiro-papa--totalmente-pos-concilio-entrevista-especial-com-massimo-faggioli> Acesso em 17 de novembro de 2022.

FRANCISCO, Papa. A Igreja é mulher e mãe, Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na capela da Casa Santa Marta em 21 de maio de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html, acesso em:04/01/2023.

_____. Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura. Sábado, 7 de fevereiro de 2015. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html. Acesso em 17 de novembro de 2022.

_____. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/52565/40983>. Mulher e ministérios na igreja católica à luz do pensamento do Papa Francisco.

_____. Disponível em:

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170209_mulher-harmonia-mundo.html acesso realizado em 18/07/2022.

_____. Disponível em: <https://www.editorarecriar.com/catalogo/o-projeto-de-francisco-dayvid-da-silva-jose-aguiar-nobre-orgs>.

_____. Disponível em: <https://www.pom.org.br/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja>. Acesso em: 04/01/2023.

_____. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2022-05/a-mulher-no-vaticano-luz-da-nova-constituicao-da-curia-romana.html>.

_____. Francisco e o papel das mulheres na Igreja. 03 março 2018. Disponível em: <https://www.pom.org.br/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja/>.

_____. Homilia do Papa Francisco. Santa Missa na Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus. 53º Dia Mundial da Paz. Basílica Vaticana. Quarta-feira, 1º de janeiro de 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papafrancesco_20200101_omelia- -madredidio-pace.html. Acesso em 17 de novembro de 2022.

_____. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta. A mulher é a harmonia do mundo. Quinta-feira, 9 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170209_mulher- -harmonia-mundo.html. Acesso em 17 de novembro de 2022.

_____. Três mulheres - meditações matutinas na Santa Missa na Capela da Domus Sanctae Marthae, 15 de setembro de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2014/documents/papa-francesco-cotidie_20140915.html, acesso em: 04/01/2023

MIRANDA, 2014, p. 406. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.47, p. 401-416, mai./ago.2014. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180501070435id_/https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23708/23708.PDF.

NIETO, Marta Barral. Sinodalidade missionária. Cadernos do CEMLA, v. 9, p. 78.

PAULO VI, Papa. Discurso na Solene Inauguração da 2ª Sessão do Concílio Vaticano II, 29/09/1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html; Acesso em 28 de novembro de 2022.

PERETTI, Clélia; QUEIROZ, Ivoneide. Ao sumário, voltar. mulher e ministérios na igreja católica à luz do pensamento do Papa Francisco woman and ministries in the catholic church in the light of pope francis'thought. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html.

SALIER. 2023, online. Vatican News.

SCHMIDT, 2021, *online*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-04/origem-concepcao-igreja-lumen-gentium-padre-gerson-schmidt.html>.

TEIXEIRA; SILVA, 2010, p. 18. TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C. Ecclesiologia do concílio vaticano segundo. Reveleto - Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 4, n. 6, p. 17-28, 2010.

ULLOA, Boris Agustín Nef; LOPES, Jean Ricardo. Sinodalidade, caminho de comunhão e unidade, segundo Atos dos Apóstolos. Revista de Cultura Teológica, n. 94, pág. 206-220, 2019.

VATICAN NEWS. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/571486-francisco-pede-que-as-mulheres-e-os-leigos-nao-sejam-reduzidos-a-servos-do-nosso-recalcitrante-clericalismo>

_____. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa->

_____. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html.

_____. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20181026_messaggio-foro-migrazioni.html.

_____. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131012_seminario-xxv-mulieris-dignitatem.pdf

_____. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-05/papa-francisco-recebe-mulheres-indigenas-amazonia.html> (Xisto, Caldeira)

_____. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-07/papa-francisco-vice-diretora-sala-imprensa-cristiane-murray.html>

_____. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-11/sinodo-amazonico-divulgado-membros-conselho-pos-sinodal-nomeacao.html>. Sínodo da Amazônia.

_____. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-03/10-anos-papa-francisco-mais-mulheres-trabalhando-no-vaticano.print.html> (Com Francisco, mais mulheres)

_____. [Francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-03/10-anos-papa-francisco-mais-mulheres-trabalhando-no-vaticano.print.html).

_____. <https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2022-03/umofc-lanca-observatorio-mundial-mulheres-para-a-africa.html>.

_____. Santa Maria Madalena. Disponível em:
<https://www.vaticannews.va/pt/feriados-liturgicos/santa-maria-madalena.html>. Acesso em 04/01/2023.

OBRAS DE REFERÊNCIAS

BARTAMANN, Bernardo, Teologia Dogmática: A Redenção, A Graça, A Igreja, Vl. II, 2ª Ed, São Paulo, Ed. Paulinas, 1964.

BINGEMER, Maria Clara. Francisco e as mulheres. Da “Abuela Rosa” a uma nova reflexão sobre a mulher. In: SILVA, José M (org.). Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 145-158.

BOGAZ, Antônio Sagrado; HANSEN, João Henrique; COUTO, Márcio Alexandre. Online. Patrística: caminhos da tradição cristã. Pia Sociedade de São Paulo. Ed. Paulus, 2016.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. Temas escolhidos de Eclesiologia. In: SEDOC 18, Petrópolis: Vozes, 1986, pp. 921-965.

FIORENZA, E.S. As origens cristãs a partir da mulher. Uma hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 56.

FIORENZA, Elizabeth Schüssler. Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.

FURTADO, Maria Cristina S. A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas. Ephata, v. 4, n. 2, pp. 75-98, 2022.

PIÉ-NINOT, Salvador. Introdução à Eclesiologia, 5ªed., São Paulo: Loyola,1998. pp.27-28.

SOBRINHO. Livro: projeto de Francisco: evangelização, ecologia, economia, ecumenismo e educação/ Dayvid da Silva, José Aguiar Nobre, São Paulo: Editora Recriar. 2022, p. 38.

SOUZA, Ney de. Livro: história da Igreja – Notas Introdutórias, Ney de Souza. Coleção Iniciação à Teologia, Petrópolis: Vozes, 2020, p. 297.

TEPEDINO, A. M. As discipulas de Jesus. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990, p. 68.